



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL –
PROFSOCIO

MARIA MÔNICA SOUSA LEAL

DESNATURALIZANDO E ESTRANHANDO A EVASÃO ESCOLAR EM
CONTEXTO PANDÊMICO: UM EXERCÍCIO DE IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA NA
ESCOLA DE ENSINO MÉDIO (EEM) DR. JOÃO RIBEIRO RAMOS

SOBRAL – CE
2021

MARIA MÔNICA SOUSA LEAL

**DESNATURALIZANDO E ESTRANHANDO A EVASÃO ESCOLAR EM
CONTEXTO PANDÊMICO: UM EXERCÍCIO DE IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA NA
ESCOLA DE ENSINO MÉDIO (EEM) DR. JOÃO RIBEIRO RAMOS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Estadual Vale do Acaraú como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Joannes Paulus Silva Forte

Sobral – CE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Sistema de Bibliotecas

Leal, Maria Mônica Sousa

Desnaturalizando e estranhando a evasão escolar em contexto pandêmico: um exercício de imaginação sociológica na escola de ensino médio (EEM) Dr. João Ribeiro Ramos [recurso eletrônico] / Maria Mônica Sousa Leal. -- Sobral, 2021.

1 CD-ROM: 4 ³/₄ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato pdf do trabalho acadêmico com 99 folhas.

Orientação: Prof. Dr. Joannes Paulus Silva Forte.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Vale do Acaraú / Centro de Ciências Humanas

1. Evasão escolar. 2. Ensino de Sociologia. 3. Desigualdades sociais. 4. Pandemia de COVID-19. I. Título.

MARIA MÔNICA SOUSA LEAL

**DESNATURALIZANDO E ESTRANHANDO A EVASÃO ESCOLAR EM
CONTEXTO PANDÊMICO: UM EXERCÍCIO DE IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA NA
ESCOLA DE ENSINO MÉDIO (EEM) DR. JOÃO RIBEIRO RAMOS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Estadual Vale do Acaraú como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Ensino de Sociologia

Aprovada em: 22/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joannes Paulus Silva Forte – Orientador / Presidente
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Prof. Dr. Francisco Alencar Mota – Examinador Interno
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Prof. Dr. Vinicius Limaverde Forte – Examinador Interno
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Professora Dra. Angela Maria de Sousa Lima – Examinadora Externa
Universidade Estadual de Londrina – UEL

A todas e todos que lutam contra as desigualdades sociais no Brasil e pela educação pública, gratuita e de qualidade.

À professora *Maria Vandelúcia Sousa*, a minha tia Vanda (*in memoriam*), que partiu de forma tão involuntária nesses tempos de pandemia e de pandemônio, por toda a alegria que a faz viver para sempre em nossas mentes e em nossos corações.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial, à minha mãe, que, como professora, sempre acreditou na educação como seu grande legado para deixar a mim e aos meus irmãos.

A todos os meus professores e professoras, que desde a graduação me acompanham, e se mobilizaram para a implantação do ProfSocio na UVA, em especial, o meu orientador e amigo, Prof. Dr. Joannes Paulus Silva Forte.

À EEM Dr. João Ribeiro Ramos, pelo apoio e acolhimento, em especial, à secretária escolar, Maria Aurilane da Silva Aguiar, sempre disposta a fornecer dados da instituição.

À banca de qualificação, composta pelos professores, Dr. Joannes Paulus Silva Forte, Dr. Vinicius Limaverde Forte e Dr. Francisco Alencar Mota, pelas contribuições bastante relevantes direcionadas aos rumos da pesquisa.

A todos os amigos e amigas que, direta ou indiretamente, contribuíram e contribuem para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Enfim, à CAPES, pela bolsa de pesquisa concedida para o desenvolvimento deste trabalho (Processo n.º 5748017), fomentando a pesquisa no país, muito embora em tempos de crise econômica, política e sanitária diante da pandemia de COVID-19.

A questão de se saber se a sociologia deve ou não ser ensinada no curso secundário se coloca entre os temas de maior responsabilidade, com que precisam se defrontar os sociólogos no Brasil.

Florestan Fernandes

(I Congresso Brasileiro de Sociologia, 1954)

A Sociologia não valeria nem uma hora de esforços se fosse um saber de especialista reservado aos especialistas.

Pierre Bourdieu

(O poder simbólico: introdução a uma sociologia reflexiva, 1989).

RESUMO

Um dos grandes desafios da escola pública brasileira é manter, atendendo aos anseios da sociedade em geral, adolescentes e jovens devidamente matriculados e frequentando o ambiente escolar. A escola, ao mesmo tempo que passa por transformações, na tentativa de se alinhar ao universo de adolescentes e jovens do mundo moderno, influenciados pela Era Digital e pela cultura de massa, enfrenta dificuldades enormes de mantê-los estudando adequadamente. Atualmente, uma dessas grandes dificuldades é a ampliação das desigualdades sociais em tempos de pandemia mundial de COVID-19. A partir de uma proposta de intervenção pedagógica sobre o tema da evasão escolar em contexto pandêmico, este trabalho contou com uma pesquisa de metodologia qualitativa e apresentou como objetivo analisar os fatores que envolvem o fenômeno social da evasão e sua relação com as desigualdades sociais no contexto da pandemia de COVID-19, pensando em termos pedagógicos, buscamos entender de que modo a disciplina de Sociologia pode abordar o fenômeno estudado junto aos jovens do ensino médio na EEM Dr. João Ribeiro Ramos, em Sobral-CE. A partir de uma *triangulação metodológica*, a pesquisa foi realizada com os seguintes procedimentos: entrevistas semiestruturadas com os alunos que deixaram de estudar durante a pandemia, em 2020, análise de documentos institucionais (Ata dos Resultados Finais da Escola-Campo, Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep) e *observação flutuante*, a partir de observações do cotidiano da escola, de forma remota. De acordo com Sonia Riffel e Vilmar Malacarne, por evasão, no sentido mais simples do termo, compreendemos como o ato de evadir-se, fugir, abandonar, sair, desistir e não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entendemos como a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade. A mais, a diferença entre evasão e abandono escolar foi utilizada pelo Inep (1998), segundo o qual “abandono” significa a situação em que o aluno se desliga da escola, mas retorna no ano seguinte; enquanto na “evasão”, o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar. Este fenômeno escolar e não escolar, para fazer alusão à Marília Sposito, traz, em seus bastidores, profundas questões relacionadas às desigualdades sociais existentes. Partindo da *desnaturalização* e do *estranhamento* que o ensino de Sociologia traz ao ambiente escolar, analisamos a evasão, problematizando esse fenômeno social e descortinando o entrelaçamento de desigualdades que o acarretam, além das reflexões acerca do objeto de estudo aqui apresentado, na atual crise sanitária que tem afetado o Brasil e o mundo no ano de 2020.

Palavras-chave: Evasão escolar. Ensino de Sociologia. Desigualdades sociais. Pandemia de COVID-19.

ABSTRACT

One of the great challenges of Brazilian public schools is to keep adolescents and young people duly enrolled and attending school, in order to meet the expectations of society in general. At the same time that schools are undergoing transformations in an attempt to align themselves with the universe of teenagers and young people of the modern world, influenced by the digital age and mass culture, they are facing enormous difficulties to keep them studying properly. Currently, one of these great difficulties is the widening social inequalities in times of the global pandemic of COVID-19. From a proposal of pedagogical intervention on the theme of school dropout in the pandemic context, this work relies on a qualitative methodology research and aims to analyze the factors surrounding the social phenomenon of dropout and its relationship to social inequalities in the context of the pandemic of COVID-19, thinking in pedagogical terms, in what way(s) the discipline of sociology can address the phenomenon studied with young people in high school in EEM Dr. João Ribeiro Ramos, in Sobral-CE. From a methodological triangulation, the research was carried out with the following procedures: semi-structured interviews with students who left school during the pandemic, in 2020, analysis of institutional documents (Minutes of the Final Results of the Field School, School Census of the National Institute of Educational Studies and Research Anísio Teixeira - Inep), and floating observation, from observations of the daily life of the school, remotely. According to Sonia Riffel and Vilmar Malacarne, evasion, in the simplest sense of the term, is understood as the act of escaping, fleeing, abandoning; leaving, giving up; not staying somewhere. When it comes to school evasion, it is understood as the escaping or abandoning of school in order to carry out another activity. The difference between evasion and school dropout was used by Inep (1998), according to which "dropout" means the situation in which the student withdraws from school but returns the following year, while in "evasion" the student leaves school and does not return to the school system. This school and non-school phenomenon, to allude to Marília Sposito, brings in its backstage deep issues related to existing social inequalities. Starting from the denaturalization and the strangeness that the teaching of sociology brings to the school environment, we analyze the dropout, problematizing this social phenomenon and uncovering the interweaving of inequalities that cause it, in addition to reflections about the object of study presented here, in the current health crisis that has affected Brazil and the world in the year 2020.

Keywords: School Dropout. Teaching Sociology. Social Inequalities. Pandemic of COVID-19.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CETIC	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONASEMS	Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde
CONGEMAS	Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
DF	Distrito Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPP	Projeto Político Pedagógico
RJ	Rio de Janeiro
SEDUC	Secretaria da Educação do Estado do Ceará
SMS	Short Message Service
UNDIME	União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL: NOVAS CONFIGURAÇÕES NO CONTEXTO PANDÊMICO.....	24
2.1	Uma contextualização histórica e um breve debate sobre a evasão escolar dentro da sociedade de classes.....	24
2.2	Diagnósticos da pesquisa e levantamento de dados atuais.....	31
3	DIÁLOGOS SOBRE A EVASÃO E O ENSINO REMOTO: AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS DA EEM DR. JOÃO RIBEIRO RAMOS DO ENSINO REGULAR.....	40
3.1	Discussões preliminares sobre a problemática da evasão escolar no ensino remoto emergencial.....	40
3.2	Entrevistas presenciais e semiestruturadas com alunos em situação de evasão durante a pandemia de COVID-19.....	47
4	A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: DA DESNATURALIZAÇÃO AO ESTRANHAMENTO, UM EXERCÍCIO DE IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA.....	61
4.1	Relatos da experiência de intervenção pedagógica no ensino de Sociologia no ambiente virtual.....	65
4.2	Análise do projeto de intervenção pedagógica desenvolvido a partir do ensino remoto emergencial.....	71
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS.....	81
	APÊNDICE A – TÓPICO-GUIA: EVASÃO ESCOLAR DURANTE O CONTEXTO PANDÊMICO – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS ALUNOS EM SITUAÇÃO DE EVASÃO.....	86
	APÊNDICE B – PROJETO OLHAR SOCIOLÓGICO: SLIDES DE APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO.....	87
	APÊNDICE C – ATIVIDADE PROPOSTA NO PROJETO.....	99

1 INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios da escola pública brasileira é o compromisso de manter, perante o governo e a sociedade, jovens e adolescentes devidamente matriculados e frequentando o ambiente escolar. A escola, ao mesmo tempo que passa por transformações na tentativa de se alinhar ao universo de jovens e adolescentes do mundo moderno, influenciados pela Era Digital e pela cultura de massa, enfrenta dificuldades enormes de mantê-los estudando adequadamente. Contudo, há diversos fatores que levam os estudantes a deixarem a escola: o envolvimento com atividades ilícitas, a gravidez na adolescência, os problemas familiares, achar o modelo de escola pouco atraente, as violências sofridas no ambiente escolar, a busca pelo primeiro emprego, entre outros já elencados pelo senso comum¹.

De acordo com Riffel e Malacarne (2010), por evasão, no sentido mais comum do termo, compreendemos como o ato de evadir-se, fugir, abandonar, sair, desistir e não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entendemos como a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade. Cumpre destacar também a diferença entre evasão e abandono escolar, a qual foi utilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 1998). Nesse caso, “abandono” significa a situação em que o aluno se desliga da escola, mas retorna no ano seguinte; enquanto na “evasão”, o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar.

Segundo Riffel e Malacarne (2010), o tema da evasão escolar é complexo e, às vezes, contraditório. Não é algo que acontece isoladamente em uma ou outra escola, mas, constitui-se em um fenômeno que ocorre em todas, sejam de grandes centros, sejam de bairros mais afastados. No entanto, isso não significa aceitar que o problema não tenha solução ou que seja motivo de conforto por parte da escola, uma vez que sua causa estaria fora dela, embora se configure mais efetivamente em seu interior.

Sobre isso, Digiácomo complementa:

A evasão escolar é um problema crônico em todo o Brasil, sendo muitas vezes passivamente assimilada e tolerada por escolas e sistemas de

¹ O senso comum é o conhecimento da vida cotidiana, o qual fundamenta visões de mundo que se constroem intersubjetivamente acerca de um fenômeno, seja natural, seja social, numa perspectiva prática e imediata da vida coletiva (BERGER; LUCKMANN, 2004).

ensino, que chegam ao cúmulo de admitirem a matrícula de um número mais elevado de alunos por turma do que o adequado já contando com a "desistência" de muitos ao longo do ano letivo (DIGIÁCOMO, 2005, p. 01).

Dentro desse contexto, a escola por não conseguir resolver o problema da evasão, por se tratar de uma questão subjetiva e complexa, que envolve os anseios e a realidade de cada educando, acaba se utilizando de estratégias para superá-la, gerando um outro tipo de problema: salas de aulas lotadas. Adotando esse mecanismo, a instituição garante, ao final dos resultados, um número de alunos permanentes na escola ante o número de desistentes e, já prevendo tal situação, não leva adequadamente em consideração a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, pois se deve atender às metas estabelecidas pelos governos e sistemas de ensino ação precípua.

Outro aspecto relevante em relação à evasão escolar corresponde às contradições existentes na educação brasileira. Ao mesmo tempo que promove a ascensão social e a base para o desenvolvimento econômico, essa mesma estrutura socioeconômica, aliada ao baixo nível de instrução dos pais, compromete a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, impedindo que o estudante permaneça na escola, fator esse que difere enormemente da realidade das instituições de ensino privadas. Parafraseando Bourdieu (1998), as atitudes dos membros das diferentes classes sociais, no que diz respeito à escola, à cultura escolar e ao futuro oferecido pelos estudos, devem-se a sua posição social.

O cenário da evasão escolar traz nos bastidores profundas questões relacionadas às desigualdades sociais existentes. A partir da *desnaturalização* e do *estranhamento* (BRASIL, 2006), que o ensino de Sociologia traz ao ambiente escolar, analisamos a evasão, problematizando esse fenômeno social e descortinando o entrelaçamento de desigualdades que o acarretam, além das reflexões acerca do objeto de estudo aqui proposto. A pesquisa está direcionada para as três séries do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino, na qual os sujeitos estudados são adolescentes e jovens na faixa etária de 15 a 18 anos, tendo a seguinte pergunta de partida: quais os motivos que levaram os alunos a evadirem da escola no contexto pandêmico?

A EEM Dr. João Ribeiro Ramos, criada em 31 de março de 1964, inicialmente chamada de “Escolas Reunidas”², funcionava no prédio da Associação Comercial de Sobral. O espaço foi cedido pelo então professor e diretor, o farmacêutico João Ribeiro Ramos. Somente em 1974 é que a escola iniciou suas atividades na atual sede, a partir dos esforços da primeira diretora Mary Pompeu Silva Magalhães, a qual exerceu o cargo durante vinte anos. Em 1975, recebeu o nome de Escola de 1º Grau Dr. João Ribeiro Ramos, por meio do Decreto nº 11493, de 17 de outubro de 1975, publicado em Diário Oficial do Estado (CEARÁ, 1975). Em 1984, foi autorizada de acordo com o Parecer do Conselho Estadual de Educação. A instituição ancora a pesquisa realizada como campo empírico específico e é o *locus* da intervenção pedagógica proposta. Tal escola está situada à rua Conselheiro José Júlio, s/n, centro, no município de Sobral, CE, localizado na região noroeste do estado do Ceará, com aproximadamente 210.711 habitantes (IBGE, 2020). O município de Sobral abriga cerca de 18 escolas de ensino médio da rede pública estadual, sob a fiscalização e orientação da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 06), subordinada à Secretaria da Educação do estado do Ceará (SEDUC). Como interlocutores da pesquisa, foram escolhidos alunos da referida escola que romperam com o vínculo escolar durante a pandemia, no ano de 2020. Vale salientar que a escola recebe alunos de diversos bairros da cidade e, por se situar na área central da sede municipal, não estabelece vínculos mais próximos com as comunidades atendidas.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2020) da referida escola, o público atendido é composto por alunos provenientes da população de baixa renda, o que, na maioria dos casos, provoca evasão, haja vista que esses educandos abandonam a escola para ocupar o mercado de trabalho, como forma de complementação da renda familiar. Isso provoca a descontinuidade dos estudos e as irregularidades na frequência. Para minimizar a infrequência decorrente de fatores diversos, várias ações são desenvolvidas. Uma delas é o Projeto Diretor de Turma que dedica uma assistência específica aos alunos das primeiras séries do

² A escola de ensino elementar foi assumindo centralidade na vida social no início do século XX. Nesse período, encontramos referências a diferentes instituições que se ocupam do ensino elementar no Brasil: os grupos escolares, as escolas isoladas, as escolas reunidas, as escolas particulares, subvencionadas ou não, as escolas estrangeiras e as escolas operárias vinculadas ao sindicato. Além desses diferentes espaços institucionais, encontramos referência à existência de funcionamento de aulas autônomas, e não oficiais, de aprender a ler e a escrever. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/38493/pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

ensino médio. Outra é o acompanhamento sistemático da infrequência realizada por todos os envolvidos no processo. Destaca-se que o Conselho Tutelar também é acionado quando necessário. A mais, há visitas às residências e entrevistas com as famílias. Um acompanhamento de busca e resgate desses alunos é uma constante nas atribuições diárias de todos que compõem a escola. A instituição tem como filosofia formar um cidadão que seja crítico, solidário, participativo, que promova mudanças em sua comunidade com uma postura responsável, proporcionando, assim, uma sociedade mais humana, não esquecendo o domínio da evolução tecnológica, a preocupação com o futuro econômico da sociedade, a informação em tempo hábil e a conscientização da democratização da vida e dos valores.

Do ponto de vista físico, segundo o PPP (2020), a escola funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), e conta com oito salas de aula, uma biblioteca, dois laboratórios de informática, um laboratório de ciências, uma quadra esportiva e uma academia. A partir de uma estrutura relativamente pequena, a instituição tenta, ao máximo, atender da melhor forma possível os alunos matriculados.

Compreender o fenômeno da evasão escolar na pandemia, a partir de uma instituição educacional da rede pública estadual do Ceará, é fundamental para a análise, questionamentos e discussões que foram abordados no decorrer da pesquisa que fundamentou a intervenção pedagógica. Escolhi³ a escola na qual trabalho para treinar o “olhar sociológico” no chão da escola, percebendo as microrrealidades existentes dentro da estrutura escolar, mas que agora cede espaço para o isolamento social com a implantação de aulas remotas. No formato de aulas remotas, o distanciamento físico entre professor e aluno, os quais passaram a se relacionar sem convívio presencial, impactou em toda uma estrutura institucional e pedagógica e comprometeu o aprendizado de alunos da rede pública.

Como objetivo geral, a partir de um trabalho de intervenção pedagógica, analisei o fenômeno social da evasão escolar e sua relação com as desigualdades sociais na EEM Dr. João Ribeiro Ramos, despertando, no educando, a imaginação sociológica, mediada pelo ensino de Sociologia na escola, no contexto de crise

³ Em alguns momentos, ao longo do texto, será utilizada a primeira pessoa do singular por se tratar de uma pesquisa realizada no ambiente de trabalho da pesquisadora.

sanitária ocasionada pela pandemia da COVID-19⁴, a qual tem afetado o Brasil e o mundo, desde o ano de 2020. Para isso, elenquei os seguintes objetivos específicos: a) identificar os obstáculos da não permanência na escola dos estudantes em situação de evasão, por meio de entrevistas semiestruturadas, durante o contexto pandêmico; b) observar o perfil socioeconômico das famílias dos alunos que evadiram no ano de 2020; c) trazer para a sala de aula os resultados da pesquisa, a partir de discussões e reflexões acerca da evasão na pandemia, trabalhando a imaginação sociológica (MILLS, 1965), a partir de uma sequência didática planejada; e d) analisar os trabalhos desenvolvidos durante as aulas remotas e o entrelaçamento com as desigualdades socioeconômicas.

Quanto à evasão escolar, estariam as críticas recorrentes à escola, apontada como responsável pela evasão, pautadas em um discurso de cunho ideológico, meramente especulativo ou com teor científico? Até que ponto a escola é efetivamente “culpada”⁵ quando perde um educando? O levantamento de questões relevantes como essas, para a construção do objeto da pesquisa, é fundamental para o exercício investigativo, quando se expande a compreensão acerca do problema em questão.

O envolvimento com a prática educacional nos leva ao esquecimento do olhar sociológico voltado para a instituição, o que requer um trabalho de estranhamento com o qual podemos transcender a atividade na sala de aula, passando a enxergar sociologicamente a realidade que nos cerca. Como abordam os autores, Passeron, Chamboredon e Bourdieu:

⁴ A COVID-19 é uma doença causada pelo novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas) e, aproximadamente, 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais, aproximadamente, 5% podem necessitar de suporte ventilatório (Ministério da Saúde). Nesse cenário de pandemia, a crise política e econômica brasileira se associou à crise sanitária, ampliando as desigualdades sociais e provocando efeitos desastrosos à vida da população do país, o que foi bastante amplificado pelas ações irresponsáveis da Presidência da República, que desdenhou da doença e não preparou o Brasil para o enfrentamento à pandemia, colocando-se contrária às medidas de segurança sanitária e, até mesmo, contra a aquisição de vacinas em face do novo coronavírus.

⁵ A culpa é um conceito judaico-cristão que, em grande parte, está associado à noção de “pecado”. De forma geral, os sistemas religiosos os quais estabelecem normas de conduta e valores que orientam a existência do homem religioso e os desvios dessas normas podem causar um mal-estar psicológico referido como um sentimento de culpabilidade. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le/article/download/31974/16886/72733>. Acesso em: 12 jan. 2022.

(...) um ensino da pesquisa que tenha como projeto expor os princípios de uma prática profissional e inculcar, simultaneamente, uma certa atitude em relação a essa prática, isto é, fornecer os instrumentos indispensáveis ao tratamento sociológico do objeto e, ao mesmo tempo, uma disposição ativa para utilizá-los de forma adequada, deve romper com as rotinas do discurso pedagógico para restituir a força heurística aos conceitos e operações mais completamente "neutralizados" pelo ritual da apresentação canônica (PASSERON; CHAMBOREDON; BOURDIEU, 2000, p. 12).

Romper com o discurso pedagógico, com os instrumentais impostos pela hierarquia educacional, no momento da prática em sala de aula, é tarefa imprescindível para o papel do/a professor/a-sociólogo/a. O distanciamento científico do envolvimento com a profissão deve despertar seu caráter investigativo, atravessando as barreiras da alienação pelo trabalho, para se tornar, ele/ela mesmo/a, o/a professor/a, o/a grande conhecedor/a da realidade na qual está atuando.

Nesse exercício de estranhar o familiar (VELHO, 1978), a pesquisa se orienta sob o olhar do professor-pesquisador, tomando como objeto de estudo um tema clássico, mas bastante presente no cotidiano das escolas, a chamada evasão escolar no ensino médio regular da rede pública estadual; em que jovens e adolescentes se encontram permeados de dúvidas e conflitos relacionados à construção de uma visão de mundo, ao papel que cada um desempenhará na sociedade, à autoafirmação diante dos preconceitos existentes e ao questionamento sobre a escola que queremos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, garante a obrigatoriedade do ensino fundamental e a universalização do ensino médio gratuito (BRASIL, 1996). Segundo Silva Filho e Lima Araújo (2017), a evasão e o abandono escolar são um grande problema relacionado à educação brasileira. As metas estipuladas pela Constituição Federal de 1988, que determinam a universalização do ensino fundamental e a "erradicação" do analfabetismo, ainda não se concretizaram, mesmo sendo a educação um direito garantido e determinado em seu art. 6º (BRASIL, 1988). Partindo do pressuposto de que o estudante de classes desfavorecidas pode ascender socialmente, melhorando suas condições de vida a partir da escolaridade, trava-se uma discussão essencial para que os estudos sobre evasão escolar, suas causas e consequências, se tornem cada vez mais importantes e permitam possibilidades de análise sobre o quadro da educação básica no Brasil, especificamente no ensino médio, como a qualidade do ensino ofertado, os índices de evasão e a estrutura das escolas.

A análise de um fenômeno social construído a partir da promessa de universalização da escola, isto é, o acesso de todos à educação, nos traz inúmeros questionamentos acerca do problema, ao mesmo tempo que se constitui em um dos grandes desafios das escolas do Brasil atual, qual seja, manter os estudantes devidamente matriculados e frequentando as aulas. O contrário disso remete ao chamado fracasso escolar. Parafraseando Paulilo (2017), o fracasso escolar é uma ideia recente que está relacionada às condições históricas de produção de um discurso sobre os efeitos da presença dos contingentes originários de meios desfavorecidos na escola. No entanto, sobretudo, foi um fenômeno posto como questão por uma Sociologia especialmente interessada na análise dos efeitos das desigualdades sociais no ensino. Esses aspectos foram bem colocados nas palavras de Paulilo (2017):

Da frequência a museus ao ingresso na universidade e no mercado de trabalho, uma série de indícios é analisada para mostrar como a escola protege melhor os privilégios sociais, econômicos e culturais do que sua transmissão aberta. Sobretudo o fracasso em atingir “tal ou tal ramo do ensino superior e de nele triunfar” e o abandono do sistema escolar serviram como pistas ao estudo das operações de seleção por meio das quais, sob as aparências da equidade formal, o sistema de ensino exerce suas funções de conservação social (PAULILO, 2017, p. 03).

Como instrumento de conservação da sociedade de classes, a escola pública passa por um momento de transformação e readaptação ao mundo tecnológico, disputando a formação de jovens, crianças e adolescentes com outros setores da sociedade, como as mídias sociais, o consumo, a facilidade das informações, as facções mediadas pelo tráfico de drogas e a busca por uma autonomia “precoce”. Perceber esse novo contexto no qual a evasão escolar acontece, seja por fatores macro ou microsociais, é condição preponderante para um mergulho nessa realidade social que abarca a comunidade escolar.

Dada a complexidade do contexto socioeconômico e cultural no qual a escola se insere e a ausência de políticas públicas, jovens e adolescentes se encontram cada vez mais vulneráveis a seguir caminhos comprometedores de sua atuação social, enquanto cidadãos, futuros profissionais, jovens que poderiam se tornar cidadãos capazes de problematizar e de compreender a sua realidade, na perspectiva de uma *imaginação sociológica*, tomando os seus problemas individuais como questões públicas e coletivas (MILLS, 1965), o que lhes possibilitaria identificar e compreender os mecanismos reprodutores da desigualdade e de todas

as formas de opressão que vivenciam todos os dias. Por isso, investigar causas e consequências que resultam no desinteresse pela educação escolar é de extrema relevância dentro de uma sociedade estruturalmente desigual como a nossa.

De acordo com Dayrell (2007), em relação à grande parte da juventude brasileira, aquela que, de alguma forma, foi excluída antes de concluir o ensino básico, parece que a experiência escolar pouco contribuiu e contribui na construção da sua condição juvenil, a não ser pelas lembranças negativas ou, o que é também comum, pela sensação de incapacidade, situação na qual os jovens atribuem a si mesmos a “culpa” pelo fracasso escolar, com um sentimento que vai minando a autoestima. Esses jovens já vivem sua juventude marcados pelo signo de uma inclusão social subalterna, enfrentando as dificuldades de quem está no mercado de trabalho sem as certificações exigidas, quando não se veem desempregados.

A escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez, de individualização crescente e de identidades plurais (DAYRELL, 2007, p. 1125).

Nesse sentido, a subjetividade dos jovens, ou o projeto de vida que eles constroem para si, interfere de maneira profunda na continuidade dos estudos ou não. Segundo Weller (2014), para que possam desenvolver projetos, os jovens do Ensino Médio também teriam que estar em condições de encontrar os propósitos ou finalidades de seus projetos de vida, algo muito mais amplo e difícil do que pensar apenas na profissão que pretendem seguir ou se desejam constituir família no futuro. Essa noção de propósito ou projeto vital (*purpose* em inglês) vem sendo mais discutida pela psicologia do desenvolvimento humano e pela psicologia positiva, campo mais recente do conhecimento. O psicólogo norte-americano William Damon (*apud* WELLER, 2014, p. 140), em livro traduzido para o português sob o título *O que o jovem quer da vida*, traz a seguinte definição: “Projetos vitais representam uma intenção estável e generalizada de realizar algo que seja significativo para o self e, conseqüentemente, para o mundo além do self”. Para o autor, projetos vitais – como o próprio termo informa – são metas de maior alcance e pensadas para um período mais longo. Elas podem estar relacionadas à busca de sentido para a vida pessoal, mas vão além disso, apresentando também um componente social ou coletivo, entre outros: o desejo de fazer a diferença no mundo, de ajudar outras

peessoas, de contribuir com causas maiores. Em muitos casos, os projetos vitais podem não ser alcançados durante suas vidas, por exemplo, extinguir a pobreza ou estabelecer a paz no mundo.

Para Fernandes (1954), em seu discurso no *I Congresso Brasileiro de Sociologia*, em 1954, o ensino das Ciências Sociais no curso secundário seria uma condição necessária para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social. Partindo desse pressuposto, é condição essencial, para o exercício da disciplina na escola, elaborar análises acerca do cotidiano escolar. As inúmeras formas de realidades manifestadas no ambiente educacional devem ser percebidas pela “*sociologia escolar*”, centrada na figura do professor apto a lecionar a disciplina, sendo ele detentor da competência para tal, a partir de sua práxis.

Parafraseando Chauí (2016), a regra da competência aliada ao mito da racionalidade nos permite indagar: quem se julga competente para falar sobre a educação, isto é, sobre a escola como forma de socialização? A resposta é óbvia: a burocracia estatal que, por intermédio dos ministérios e das secretarias de educação, legisla, regulamenta e controla o trabalho pedagógico. Há, portanto, um discurso do poder que se pronuncia sobre a educação, definindo seu sentido, finalidade, forma e conteúdo. Quem, portanto, está excluído do discurso educacional? Justamente aqueles que poderiam falar da educação enquanto experiência que é sua: os professores e os estudantes. Contudo, em uma sociedade de relações capitalistas, a divisão, a segregação e as desigualdades sociais silenciam o discurso da educação. A autora ressalta:

A educação não pode falar porque, se o fizer, obrigará ao reconhecimento de sua existência singular ou específica articulada a outras singularidades que diferenciam as relações sociais, de sorte que, de diferença em diferença, acabaria levando ao reconhecimento das divisões sociais (CHAUI, 2016, p. 250).

O discurso dos sujeitos sociais protagonistas da educação, professores e estudantes, situa-se no lugar dos “subalternos”, dos peões da fábrica educacional, onde, na ordem capitalista, não há espaço para serem ouvidos e valorizados. Do ponto de vista da conservação social, a escola se torna um mero instrumento para atender aos anseios do mercado. O discurso da universalização do ensino –

ninguém fora da escola – relega à educação o título de “salvadora da pátria”, maquiando as reais condições desiguais que os estudantes da escola pública enfrentam, produzidas pela má distribuição de renda do país. Quando o mercado de trabalho também deixa de ser atraente, os jovens podem migrar para atividades de trabalho muito precárias e até ilícitas, e, mesmo que permaneçam na escola, não assumem o menor compromisso com o aprendizado e a instituição. Esse fator amplia o sentido de evasão escolar, ultrapassando a linguagem meramente técnica: evadem aqueles que deixam de frequentar as aulas, mas também evadem aqueles que se desautorizam do papel efetivo de estudante, conscientes de direitos e deveres para com a realidade que os cerca. Todos os processos sociais e educacionais aqui destacados são promotores da chamada evasão escolar e serão considerados na pesquisa, a qual tem como centro a relação entre a evasão escolar e as desigualdades sociais.

É com um olhar crítico e investigativo que a pesquisa, que fundamenta a intervenção pedagógica aqui proposta, se define, com a pretensão de estimular a reflexão sobre a evasão escolar no campo da *sociologia escolar*. A mais, deve contemplar as diferentes visões de mundo dos atores pesquisados e se conectar com as dimensões mais internas e profundas desses interlocutores, para tentar compreender as construções mentais que eles elaboram sobre o mundo e sobre sua própria realidade, à medida que atribuem significados diferentes das coisas ao seu redor, pois é nesse espaço diversificado que a escola acontece. Os dados obtidos, a partir dos métodos qualitativos empregados, poderão trazer novos elementos acerca do objeto de estudo, encontrando-se, a partir daí, as possíveis contribuições que o ensino de Sociologia poderá proporcionar para o estranhamento e a desnaturalização do fenômeno social da evasão escolar.

Em termos de metodologia, de acordo com Flick (2009), a triangulação supera as limitações de um método único por combinar diversos métodos e lhes dar igual relevância. Torna-se ainda mais produtiva se diversas abordagens teóricas forem utilizadas, ou ao menos consideradas, para a combinação de métodos. Justifica-se, nesse processo, a utilização de métodos variados para o conhecimento do objeto de estudo em sua complexidade. Nesse sentido, a pesquisa contou com o recurso do questionário eletrônico (*Google Forms*), aplicado aos alunos que não participaram do ensino remoto, mas que não evadiram; entrevistas semiestruturadas

com os alunos em situação de evasão; dados institucionais de diferentes fontes, como o Inep; dados fornecidos pela escola; e dados da observação flutuante.

Parafraseando Goldman (1995), na observação flutuante, o observador está sempre em situação de pesquisa, a todo momento pode ser chamado à escuta ou à percepção de algo relacionado ao fenômeno estudado. É um método que permite a experiência empírica de uma maneira contínua, a partir das vivências e troca de experiências relacionadas ao tema em questão. Partindo desse pressuposto, qualquer fato relacionado ao objeto de estudo, veiculado de diversas formas, pode vir a ser mais um dado validado para a pesquisa. Nessa ocasião, o pesquisador estará sempre em estado de alerta em relação ao estudo em questão.

Composto por este capítulo introdutório, três capítulos de desenvolvimento e um capítulo de considerações finais, este trabalho consiste em uma dissertação, fruto de uma pesquisa básica e de uma intervenção pedagógica aplicada em aulas de Sociologia no ensino médio, tomando a *evasão escolar em contexto pandêmico* como objeto de *desnaturalização e estranhamento* (BRASIL, 2006) para o desenvolvimento da *imaginação sociológica* (MILLS, 1965).

No capítulo 2, intitulado “A evasão escolar no Brasil: novas configurações no contexto pandêmico”, elaborei um levantamento de dados sobre a evasão na pandemia, traçando uma discussão em nível nacional, estadual e local. Nesse capítulo, busquei novas explicações para o fenômeno, contextualizando-o a partir de diferentes realidades, sujeitos do processo e redes estruturais, do ponto de vista cultural, econômico e político, das quais os estudantes fazem parte.

No capítulo 3, intitulado “Diálogos sobre a evasão e o ensino remoto: as dificuldades enfrentadas pelos alunos da EEM Dr. João Ribeiro Ramos do ensino regular”⁶, apresentei e analisei cinco entrevistas concedidas pelos alunos em situação de evasão a partir do ano de 2020 e duas entrevistas de ex-alunos em situação de evasão anterior à pandemia, durante a visita em três bairros, nos meses de fevereiro e março de 2021, totalizando sete entrevistas. Faz-se necessário frisar a existência de outros modelos de escola, dentro da rede pública de ensino, como as escolas de educação profissional, as de tempo integral e os centros supletivos com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse preâmbulo, constata-se a

⁶ Entende-se por ensino regular, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.º 9.394/1996, a padronização do ensino em séries anuais, desde a educação infantil até o ensino médio, organizando, dessa forma, toda a estrutura da educação básica do país.

existência de realidades diferenciadas em termos de estrutura, de dinâmica escolar e de experiências relacionadas ao ensino remoto durante a pandemia. Numa breve análise comparativa, mediada pela observação flutuante (GOLDMAN, 1995), afastam-se possíveis generalizações, muito embora o quadro das escolas de ensino regular do município de Sobral, em relação ao ensino remoto, seja crítico para muitas escolas no que tange à ausência do aluno no acompanhamento das aulas on-line.

O capítulo 4, intitulado “A evasão escolar no ensino de Sociologia: da desnaturalização ao estranhamento, um exercício de imaginação sociológica”, trata da descrição detalhada da intervenção pedagógica realizada com os estudantes na disciplina de Sociologia, abordando o tema da evasão escolar em contexto pandêmico, a partir das aulas on-line na plataforma de vídeo chamada *Google Meet*, na qual, na aula de Sociologia, problematizo o tema apontando a relação do fenômeno da evasão escolar com as desigualdades socioeconômicas existentes. No relato do trabalho desenvolvido, registrei todas as descobertas feitas em campo – os resultados da pesquisa – trazendo realidades, angústias, causas e consequências para o foco das reflexões e discussões promovidas “na sala de aula remota”, exercitando a *imaginação sociológica* (MILLS, 1965) dos educandos, abordando perguntas e questionamentos que os levem a refletir sobre a importância do aprendizado na escola e o que ela representa em nossas vidas; quais motivos levam alguns a deixar de estudar e como a realidade de cada um influencia no momento da decisão. Ao final do capítulo, faço uma análise do trabalho desenvolvido nas aulas on-line, abordando os impactos do tema trabalhado remotamente (on-line)⁷, considerando a visão de mundo dos jovens e o relacionamento com o currículo da disciplina de Sociologia, envolvendo assuntos como classe, raça, gênero e desigualdades sociais.

No capítulo 5, “Considerações finais”, com um texto breve de fechamento da dissertação, estão algumas reflexões oportunizadas pela pesquisa e pelo projeto de intervenção pedagógica executado. Nessa última parte textual, registrei uma

⁷ A pandemia da Covid-19 trouxe inúmeras modificações em nosso cotidiano, por conta das medidas sanitárias e de distanciamento social. Um dos setores mais afetados foi o educacional, de modo que as atividades pedagógicas presenciais foram suspensas e os órgãos reguladores nacionais indicaram a continuidade do semestre letivo por meio de atividades remotas. Os professores precisaram transpor conteúdos e adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso, ou com preparação superficial, também em caráter emergencial (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

série de fatores que levam à evasão escolar, no contexto pandêmico e fora dele, e que se relacionam às desigualdades sociais, à escola e à vida dos jovens estudantes do ensino médio, o que precisa ser compreendido a partir do contexto sócio-histórico da sociedade brasileira, à luz da *imaginação sociológica*.

A escola dispõe de um relatório anual, denominado *Ata dos resultados finais*. Com foco na evasão escolar em contexto pandêmico, escolhemos abordar os resultados do ano de 2020 para o levantamento dos alunos que deixaram de frequentar as atividades da escola. Após o levantamento, começaram as visitas nas residências para a elaboração das entrevistas, um momento crucial de efetiva aproximação com o campo de pesquisa. Como pesquisadora, analisei o processo sociocultural e econômico no qual esses ex-alunos se inserem, considerando suas subjetividades, visão de mundo e a representação que eles constroem sobre o conhecimento e a escola.

Para atender à demanda de pensar a escola e seus problemas, fez-se necessário um trabalho de *estranhamento* a partir do qual pudemos transcender as rotinas escolares dentro e fora da sala de aula, *estranhando* o familiar (VELHO, 1978) e potencializando a *imaginação sociológica* (MILLS, 1965), a exemplo da evasão como objeto de reflexão da Sociologia no ensino médio, propósito científico e pedagógico deste trabalho no âmbito do ProfSocio.

Segundo o pensamento de Mills (1965):

O primeiro fruto dessa imaginação - e a primeira lição da ciência social que a incorpora - é a ideia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período, só pode conhecer suas possibilidades na vida tomando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica. Não conhecemos os limites da capacidade que tem o homem de realizar esforços supremos ou degradar-se voluntariamente, de agonia ou exultação, de brutalidade que traz prazer ou de deleite da razão. Mas em nossa época chegamos, a saber, que os limites da 'natureza humana' são assustadoramente amplos. Chegamos, a saber, que todo indivíduo vive, de uma geração até a seguinte, numa determinada sociedade; que vive uma biografia, que vive dentro de uma sequência histórica. E pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico (MILLS, 1965, p. 12).

Assim, o estudante do ensino médio, mergulhado na densa realidade que o cerca, muitas vezes, se vê obrigado a perpetuá-la, até por uma questão de sobrevivência. É necessário conhecer as experiências de seus pares, tornar-se lúcido, absorver o funcionamento da sociedade condicionante – aprendendo a refletir

sobre o mundo em questão, frutificando, assim, a chamada *imaginação sociológica* – reconhecendo, verdadeiramente, o seu papel e seu lugar na história, a qual é entrelaçada com a dos outros indivíduos.

Para Mills (1965), essa imaginação é a capacidade de passar de uma perspectiva à outra – da política para a psicológica; do exame de uma única família para a análise comparativa dos orçamentos nacionais do mundo; da escola teológica para a estrutura militar; de considerações de uma indústria petrolífera para estudos da poesia contemporânea. Ou seja, da evasão escolar às desigualdades sociais vivenciadas pelos jovens, sujeitos de minha pesquisa. É a capacidade de ir das mais impessoais e remotas transformações para as características mais íntimas do ser humano, e ver as relações entre as duas. Sua utilização se fundamenta sempre na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período no qual sua qualidade e seu ser se manifestam. Nessa perspectiva, compreender a construção da subjetividade dos jovens, a percepção da realidade da qual faz parte e como esse *ser* interage com ela é um aspecto do trabalho mapeado na pesquisa, o que começo a abordar a partir do cenário mais amplo da evasão escolar no Brasil.

2 A EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL: NOVAS CONFIGURAÇÕES NO CONTEXTO PANDÊMICO

2.1 Uma contextualização histórica e um breve debate sobre a evasão escolar na sociedade de classes

Segundo Diniz (2015), de acordo com o *Relatório de Desenvolvimento*, divulgado em 2012, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil apresenta a terceira maior taxa de evasão escolar entre 100 países que possuem o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (PNUD, 2012). A taxa de abandono escolar atingiu 24,3%. E o índice se torna ainda mais preocupante se comparado com países vizinhos, como Chile (2,6% de evasão), Argentina (6,2%) e Uruguai (4,8%). Na América Latina, só a Guatemala (35,2%) e a Nicarágua (51,6%) têm taxas de evasão superiores. Ainda segundo esse órgão, no ano de 2011, 23,6% dos jovens entre 15 e 17 anos não estudavam e 70,2% dos que abandonavam os estudos o faziam antes de chegarem ao ensino médio. Nesse caso, percebemos a evasão escolar como um fenômeno complexo, multicausal e mundializado.

Tratando-se de um fenômeno que não só ocorre no Brasil, faz-se necessária uma discussão que transcenda as barreiras do local, de modo a perceber os entraves existentes mediante um jogo político e econômico que se relaciona com o mercado de trabalho. Nesse preâmbulo, a elaboração de um estudo sobre evasão escolar parte de uma reflexão sociológica que começa na própria escola, onde os conflitos da juventude são permeados por pressões, dúvidas e pela necessidade de uma autoafirmação que se inicia, em princípio, na adolescência, na angústia de se encaixar e encontrar o “seu lugar” em uma sociedade marcada por hostilidades e incompreensões em relação às juventudes.

A evasão escolar é um fenômeno historicamente discutido nas reflexões acerca da educação no Brasil, considerada um dos principais fatores do fracasso escolar em um país marcado por desigualdades de várias ordens, o qual aposta na educação como um meio para diminuí-las. O fracasso escolar, representado pela evasão, abandono e reprovação, significa, hoje, um dos maiores desafios que a educação da rede pública enfrenta. Os estudos sobre evasão escolar não se

esgotam, à medida que mais obstáculos se definem no cotidiano de jovens das camadas populares, levando-os a se desinteressar pela construção de uma vida com mais oportunidades creditadas na educação. É um tema bastante discutido em vários países, com ênfase em determinantes variáveis conforme a problemática de cada realidade estudada. De acordo com Paulilo (2017), os estudos inaugurados abordando o fracasso escolar, envolvendo a repetência e a evasão, iniciaram-se, aproximadamente, nas décadas de 1970 e 1980, com a chamada mobilização popular por escolarização⁸.

Ao falar da escola pública brasileira, em especial do ensino médio, encontramos grandes desafios, diversos tipos de problemas e fatores que influenciam o cotidiano da escola, afetando alunos e professores no âmbito da sala de aula, interferindo na práxis educacional, desde a baixa instrução das famílias até a carga horária exaustiva dos professores. De acordo com o pensamento de Queiroz (2004), no Brasil, a evasão escolar não é um problema restrito apenas a algumas unidades escolares, mas é uma questão nacional que vem ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro, assim como as questões do analfabetismo e da não valorização dos profissionais da educação expressa na baixa remuneração e nas precárias condições de trabalho.

Para Silva Filho e Lima Araújo (2017), o fracasso escolar é uma das fraquezas do sistema educacional brasileiro e uma questão longe de estar resolvida, pois afeta diversos níveis de ensino em instituições públicas e privadas. Tem sido alvo de políticas educacionais confusas que não se sustentam por muito tempo, e isso se faz sentir na falta de identidade do ensino, que necessita ser posto em discussão para que se busquem meios reais de enfrentamento. Faz-se necessária uma mudança que não seja uma simples adaptação passiva, mas que busque encontrar um lugar próprio de construção de algo novo, permitindo a expansão das potencialidades humanas e a emancipação do coletivo, com olhar em todas as direções e dimensões, histórica, cognitiva, social, afetiva e cultural.

Os temas relacionados à vida dos educandos, como gravidez na adolescência; o uso de entorpecentes; a carência de bens materiais; o trabalho para o seu consumo e/ou para ajudar a família e/ou para sobreviver; o envolvimento com

⁸ Na cidade de São Paulo, a participação de setores oposicionistas ao regime autoritário – partidos de esquerda na clandestinidade e, particularmente, o apoio da Igreja Católica na disseminação das Comunidades Eclesiais de Base – fomentou a criação de centros comunitários, clubes de mães e novas associações de moradores, muito ativos na reivindicação por ensino público (PAULILO, 2017).

a criminalidade; guerra de facções; depressão; conflitos familiares; a homofobia; o bullying; a falta de uma boa estrutura escolar; o desinteresse pelos conteúdos; e as dificuldades na aprendizagem, quando o aluno perde o interesse ou a vontade de estudar. Um ou outro desses fatores, de modo articulado, ou mesmo a sua totalidade, pode impedir a frequência regular do aluno, levando-o a deixar para trás a chance de ter um futuro melhor, razão pela qual devem ser foco de um debate contínuo no cotidiano das atividades realizadas na escola, mediado pelo ensino de Sociologia, por meio da análise científica que leva em consideração a tradução dos problemas pessoais vivenciados pelos jovens em questões coletivas e públicas.

De acordo com Sposito (2003), ao examinar esse aparente paradoxo contido na junção do “não escolar” com a escola, é preciso considerar uma distinção importante entre a categoria analítica – escola – e a unidade empírica – escola – objeto de investigação.

A relevância analítica da instituição escolar não implica, necessariamente, o seu estudo empírico, sendo esse o primeiro aspecto da via não escolar no estudo sociológico da escola. O segundo reside na ideia de que, mesmo considerando-se a escola como unidade empírica de investigação, é preciso reconhecer que elementos não escolares penetram, conformam e são criados no interior da instituição e merecem, por sua vez, também ser investigados. De uma maneira análoga e metodológica referente ao estudo sociológico sobre a escola, nos processos reais, há uma simbiose entre fatores internos e externos, ou seja, os temas “não escolares”, causados pelas mudanças sociais, também se manifestam dentro da instituição, gerando mudanças educacionais, o que se pode abordar do ponto de vista analítico e não necessariamente empírico. A vida escolar está intimamente relacionada à vida social de seus escolares, nessa esteira, não é mais possível delimitar, categoricamente, onde começa ou termina os fatores que levam à evasão.

No artigo de 1956, intitulado *A estrutura da escola* – Candido (CANDIDO, 1973 apud SPOSITO, 2003) abre perspectivas para um conjunto de investigações, ao se apropriar da designação de Znanieck (1973), considerando a escola como grupo social instituído. Assim, propõe um esquema analítico de estudo da escola a partir da imbricação de duas orientações: parte da vida escolar seria determinada por grupos externos a ela mesma e, sob esse ponto de vista, seria relevante o estudo dos componentes burocráticos dos sistemas escolares, derivados da ação do Estado que exprime novas formas da racionalidade da sociedade moderna opostas à dominação tradicional, na acepção de Weber (1977). Por outro lado, parte da vida escolar estaria definida pelos padrões de sua

sociabilidade interna que demandariam, assim, esforço sociológico para a sua compreensão. Essa vertente analítica foi traduzida, exemplarmente, em alguns estudos sobre a escola como aqueles desenvolvidos por Luiz Pereira (1967; 1971), João Baptista Borges Pereira (1976), entre outros (CANDIDO, 1973 *apud* SPOSITO, 2003, p. 217).

Segundo Sposito (2003), em um artigo de 1955, intitulado *Perspectivas da Sociologia da Educação*, Candido também aponta duas orientações extremamente importantes que abrem caminho para uma possibilidade de pesquisa da via não escolar no campo de estudo dos estabelecimentos de ensino. A primeira volta-se para a ideia de que as práticas observadas no interior da escola tanto recriam dimensões da vida social, como as filtram e, muitas vezes, são criações específicas do grupo. A segunda trilha aberta pelas reflexões de Candido volta-se para a crítica da “ilusão pedagógica” de Durkheim que, em sua formulação, definia o ato educativo como a ação unilateral da geração adulta sobre os imaturos, estes considerados “tábula rasa”. Examinava, e esse talvez seja o aspecto pioneiro e mais estimulante de suas análises, o potencial conflitivo e as tensões que existiriam nas relações entre as gerações adultas e os educandos, estes últimos oferecendo resistências ao trabalho educativo empreendido pelos primeiros.

A partir da problematização trazida por Candido (1955 *apud* SPOSITO, 2003), no diálogo de Sposito com Candido, Durkheim e outros autores/as, podemos observar uma imbricação profunda entre fatores internos (escolares) e fatores externos (não escolares), ocasionadores do tema aqui analisado e decorrentes das transformações sociais, políticas e econômicas que atravessam as sociedades do período atual, suas consequências e o envolvimento com a construção do cotidiano das instituições educacionais. Ambos os conjuntos de fatores (internos e externos), ocasionadores da evasão, se coadunam, constituindo-se em um complexo de situações escolares e não escolares (SPOSITO, 2003). Nesse sentido, a evasão, no contexto pandêmico, configura-se em um fator externo, decorrente da escassez de recursos materiais das famílias de jovens e adolescentes, o que foi bastante reforçado pela crise sanitária que assola o mundo, acarretando o fechamento de toda a rede de ensino brasileira, pública e privada, em decorrência da pandemia. Os estudantes tiveram de se adaptar a uma nova modalidade do chamado “ensino remoto emergencial”, ocasionando não somente a dificuldade de acesso a aulas on-line, como também problemas psicológicos, ansiedade, depressão, pânico etc.

Dentro do contexto pandêmico, não podemos esquecer que saúde física e saúde mental andam juntas. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa, tudo isso tornou muitos estudantes menos dispostos e ativos fisicamente do que se estivessem na escola. A falta de merenda para os alunos menos privilegiados é outro elemento que tem impacto negativo sobre os alunos, as famílias e a própria escola. Esses são alguns dos fatores de privação e de estresse que atingem a saúde física e mental de boa parte dos estudantes da Educação Básica e de suas famílias. Diante desse quadro, estimular a solidariedade, a resiliência e a continuidade das relações sociais entre educadores e alunos é fundamental, pois ajuda a minorar o impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes. Agora, importa prevenir e reduzir os níveis elevados de ansiedade, de depressão e de estresse que o confinamento provoca nos estudantes em quarentena (MAIA; DIAS, 2020).

Não basta explicar a evasão escolar somente a partir de fatores internos e externos, acrescenta-se a análise do cenário político, socioeconômico e cultural no qual os organismos educacionais se inserem. Como aborda Mills (1965), quando a estrutura econômica é tal que provoca depressões, o problema do desemprego foge à solução pessoal. Na medida em que a guerra é inerente ao sistema do Estado-nação e à industrialização irregular do mundo, o indivíduo, em seu ambiente limitado, é impotente, com ou sem ajuda psiquiátrica para resolver os problemas que esse sistema, ou a sua falta de atuação para mitigar a precariedade da vida, lhe cria. Na medida em que a “superdesenvolvida megalópole” e o “superdesenvolvido automóvel” são características intrínsecas da “sociedade superdesenvolvida”, as questões públicas da vida urbana não serão resolvidas pela engenhosidade pessoal e pela riqueza particular. O autor prossegue:

Assim, para compreender as modificações de muitos ambientes pessoais, temos necessidade de olhar além deles. E o número e variedade dessas modificações estruturais aumentam à medida que as instituições dentro das quais vivemos se tornam mais gerais e mais complicadamente ligadas entre si. Ter consciência da ideia da estrutura social e utilizá-la com sensibilidade é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes de pequena escala. Ser capaz de usar isso é possuir a imaginação sociológica (MILLS, 1965, p. 17).

Partindo do pensamento de Mills (1965), observa-se a escola e seus agentes formadores entrelaçados na estrutura do tecido social, imbuídos numa rede

hierárquica elaboradora de seus processos educativos, tendo como finalidade a instrução de jovens e adolescentes também entrelaçados nessa mesma estrutura, mas em condições diferentes, nem sempre propiciadoras do sucesso da instituição como um todo. A partir dessa análise, podemos compreender a evasão escolar como um processo socioeconômico, educacional e cultural com causas mais profundas, provenientes das teias, das fissuras e dos conflitos da organização social. Um fenômeno determinado não somente pela subjetividade e pelas condições objetivas de seu principal protagonista, o estudante, mas de forças influenciadoras da vida social, as quais, portanto, são também objetivas.

Na discussão trazida por Apple (2017), o conceito de articulação se constitui como uma ferramenta para entender que a aparente homogeneidade e solidez de um dado discurso da realidade é uma construção histórica, a qual tem de ser constantemente renovada, se quiser ser mantida. O discurso das forças político-econômicas neoliberais de que a educação é uma causa crucial das crises econômicas, mas também pode ser parte da solução, a coloca no centro de um discurso hegemônico, pondo em xeque a autonomia do papel das instituições educacionais, espaços legítimos de debates, pensamento e criticidade. O neoliberalismo idealiza um único modelo político para todas as nações capitaneadas por ele, especialmente as do ocidente, um novo tipo de “escravidão moderna”, na qual não se sente o peso de suas amarras, um “devir negro”. Sob sua influência, a escola deve compactuar com a sua reorganização se quiser sobreviver em meio às disputas pela orientação política, econômica e social da educação.

Segundo Felix (2003), a sociedade pós-moderna enfatizou ainda mais a cultura do consumo, uma nova ordem econômica que tem como características a globalização, a sociedade de consumo, a sociedade dos medias e do espetáculo e o capitalismo transnacional. É nessa ordem que a juventude do mundo atual está inserida, na qual, ao mesmo tempo, influencia e é também influenciada, estabelecendo “diálogos” de todas as ordens para a sua sobrevivência dentro da sociedade de classes.

A partir do processo da divisão do trabalho, e com a produção em larga escala, inúmeras funções foram surgindo no seio das sociedades em vias de industrialização. O sistema de ensino torna-se uma concreta qualificação da força de trabalho, integrando os indivíduos no sistema socioeconômico capitalista, única

maneira de não desperdiçar sua força de trabalho⁹, ou seja, reproduzir o sistema dominante, tanto em nível ideológico quanto técnico e produtivo (MARX; ENGELS, 2011). Com a apropriação da educação pelo capital, a escola se torna, ideologicamente, um dos aparelhos reprodutores do próprio sistema capitalista. O sistema, com as classes proprietárias que o gerenciam e dele se beneficiam, passa a vê-la como um grande meio de qualificação da força de trabalho. O indivíduo é formado para atender aos anseios do capital e é também na escola que ele deve aprender regras, cumprir horários, assimilar responsabilidades e disciplina. De acordo com Marx e Engels (2011, p. 16):

A relação entre a divisão do trabalho e a educação e o ensino não é uma mera proximidade, nem tampouco uma simples consequência; é uma articulação profunda que explica com toda clareza os processos educativos e manifesta os pontos em que é necessário pressionar para conseguir sua transformação, conseguindo não só a emancipação social, mas também, e de forma muito especial, a emancipação humana.

Contudo, essa transformação se torna cada vez mais distante. À medida que o capital avança nas suas diversas formas e manifestações em quase todos os países do globo, ele relega à educação a função de reproduzir seu poder dominante, transformando os indivíduos em meras ferramentas de consumo, regozijando-se com a alienação pelo trabalho.

No seio de suas contradições, o sistema produtor de grandes riquezas, também produz as desigualdades sociais. O modelo de estratificação social capitalista, representado pelas classes sociais, reflete no poder aquisitivo de seus indivíduos. Para o sistema, tudo se transforma em mercadoria, inclusive a educação. A chamada mobilidade social não se ajusta a todos, são poucos os que conseguem sobreviver com as mínimas condições possíveis. Nesse contexto político, sociocultural e econômico, a escola aparece como a “salvadora da pátria” na universalização do ensino. Com isso, o que antes era relegado apenas às elites passa a ser um direito de todos, tomando por base a realidade brasileira, mesmo não sendo uma educação transformadora, e sim reprodutora das bases do sistema, pois a educação escolar, sozinha, não consegue equilibrar as diferenças entre ricos

⁹ Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o complexo (*Inbegriff*) das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade (*Leiblichkeit*), na personalidade viva de um homem, a qual ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo (MARX, 2013, p. 312).

e pobres, e, muitas vezes, sequer está circunscrita em políticas educacionais que levem a cabo esse propósito.

Segundo Apple (2017), as normas de competição, privatização e individualismo possessivo precisam ser contraditas por uma ética de amor, cuidado e solidariedade. O autor ressalta também a importância de ver a escola como locais para a ação. Porém, o compromisso político deve ser neutralizado pela humildade e pelo compromisso em ouvir cuidadosamente as críticas. Contudo, a escola, como espaço político, poderá trazer possíveis consequências e represálias das elites conservadoras e reacionárias, especialmente em relação aos seus professores. No entanto, é possível utilizá-la como espaço de reflexão, discutindo com os alunos temas atuais, bem como a importância e o papel da instituição enquanto formadora de opinião e criticidade, especialmente, em tempos de pandemia, o que buscamos fazer com a pesquisa básica que fundamentou a intervenção pedagógica sobre a evasão escolar, sob o olhar da Sociologia na sala de aula.

2.2 Diagnósticos da pesquisa e levantamento de dados atuais

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha, em parceria com o C6 Bank, com resultados publicados na Folha de São Paulo¹⁰, a taxa de abandono em 2020 foi maior entre os estudantes de curso superior: 16,3% dos universitários pararam de estudar no ano passado. No ensino médio, a taxa é de 10,8% e no ensino fundamental, de 4,6%. As taxas de estudantes de classes sociais mais baixas também lideraram os índices de abandono. A taxa foi 54% maior entre os alunos das classes D e E (10,6%), na comparação com estudantes das classes A e B (6,9%). Problemas financeiros estão entre os principais motivos do abandono escolar em 2020. Entre os que apontaram essa dificuldade para manter os estudos no ano passado, 19% ficaram sem condições de pagar a escola ou faculdade e 7% precisaram ajudar na renda familiar. Outros 22% justificaram o abandono por terem ficado sem aula e 20% relataram dificuldade com o ensino remoto. Tal fator afeta, significativamente, a economia do país e compromete a qualidade de vida de jovens e adolescentes em situação de risco.

¹⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/01/cerca-de-4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 9 out. 2021.

Para Dayrell (2007), ao se referir sobre as culturas juvenis, com todos os limites dados pelo lugar social que ocupam, não podemos esquecer o aparente óbvio: eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida. Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. Portanto, as subjetividades entrelaçadas e construídas pelo meio social influenciam no percurso educacional.

Nas experiências e vivências escolares, a instituição funciona como uma espécie de fio condutor, captando todas as tensões originadas a partir das possíveis realidades de seus escolares. Os problemas e as dificuldades, vivenciadas por jovens e adolescentes, que levam à evasão deságuam na escola e na convivência com essas realidades transversais; a mais, cumpre destacar que, visualizadas por meio das vidas dos educandos, as tensões tendem a aumentar quando não compete à escola resolver. Do ponto de vista empírico, configura-se no limite em que algo externo interfere contundentemente, a ponto de os jovens, estudantes do ensino médio, perderem as condições para se manter estudando ou mesmo o interesse pela escola. Vejamos o que afirma Nobert Elias:

Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém, isto ocorre de repente, associado a uma experiência especialmente grave. Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante e determinante destes desejos. E nem sempre cabe à pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos, ou até que ponto o serão, já que eles sempre estão dirigidos para outros, para o meio social (ELIAS, 1995, p. 13).

Nesse aspecto, o meio social é uma condição-chave para a formulação dos desejos do indivíduo, pois as experiências individuais se relacionam profundamente com o coletivo, influenciando na formação do ser. Os jovens, quando alcançam o ensino médio, estão em processo de elaboração da consciência daquilo que almejam para suas vidas, e, nesse processo, podem relegar a importância da escola para um segundo plano; a descrença de que o simples ato de estudar ou frequentar as aulas – ainda que em situação remota emergencial – não resolverá os

seus desejos imediatos funciona como uma “válvula de escape” para a fuga da responsabilidade escolar. Em um contexto preocupante de crise sanitária, jovens e adolescentes do ensino público brasileiro têm o seu poder de acesso aos bens e serviços ofertados pela sociedade capitalista cada vez mais limitado, o que, conseqüentemente, passa a ser um fator que acarreta impacto sem precedentes na vida escolar, em que muitos não estão conseguindo acessar aulas on-line seja porque não possuem aparelhos disponíveis para tal, seja pela falta de internet adequada, seja pela falta de ambiente adequado em casa, seja pela falta de alimentos, seja pela desmotivação e demais razões de cunho psicológico e emocional, e, assim, acabam desistindo do ano letivo.

O Censo Escolar da Educação Básica é uma pesquisa realizada anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em articulação com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, de caráter obrigatório aos estabelecimentos públicos e privados de educação básica, conforme determina o art. 4º do Decreto n.º 6.425, de 4 de abril de 2008 (BRASIL, 2008). A coleta de dados das escolas tem caráter declaratório e é dividida em duas etapas. A primeira etapa consiste no preenchimento da **Matrícula Inicial**, quando ocorre a coleta de informações sobre os estabelecimentos de ensino, gestores, turmas, alunos e profissionais escolares em sala de aula. A segunda etapa ocorre com o preenchimento de informações sobre a **Situação do Aluno** e considera os dados sobre o movimento e rendimento escolar dos discentes ao final do ano letivo. A segunda etapa, do ano de 2020, encontra-se em fase de elaboração. Os dados são repassados para o Inep por meio do *Educacenso*¹¹, quando as secretarias das escolas fecham a *Ata dos Resultados Finais*.

Na EEM Dr. João Ribeiro Ramos, entre os anos de 2015 e 2018, de acordo com o *Boletim de Gestão Pedagógica*¹², no universo de 2.087 alunos, cerca de 14% do corpo discente desistiu de estudar, apontando para um considerável aumento dessa taxa no ano de 2017, quando havia chegado a 10,7%. Apesar de a escola não atingir grandes índices de evasão, percebemos a ausência de políticas

¹¹ O Educacenso é uma radiografia detalhada do sistema educacional brasileiro. A ferramenta permite obter dados individualizados de cada estudante, professor, turma e escola do país, tanto das redes públicas (federal, estaduais e municipais) quanto da rede privada. Todo o levantamento é feito pela internet. Disponível em: www.gov.br/mec/pt-br. Acesso em: 20 mar. 2021.

¹² Documento da gestão escolar, contendo dados anuais sobre a situação da evasão escolar na escola.

internas para lidar com o fenômeno, até porque a maioria das causas da evasão é decorrente de fatores externos, isto é, estão fora do ambiente escolar. Um outro aspecto a ser observado está na própria estrutura educacional, quando se pretende massificar o ensino para atender às demandas do mercado de trabalho e da sociedade de uma maneira geral, levando a bloqueios da capacidade criativa e autônoma dos jovens do ensino médio na formulação de novas oportunidades de sobrevivência. Nesse sentido, a escola acaba sendo um mecanismo de controle, tornando-se, muitas vezes, um “peso” na vida daqueles que não se identificam com ela; estigmatizando-os a partir de um discurso carregado de preconceitos, como “alguém” desprovido de condições de “vencer” na vida.

Na primeira etapa do Censo Escolar de 2020, foram registradas 6.624.804 (seis milhões, seiscentos e vinte e quatro mil e oitocentos e quatro) matrículas no ensino médio da rede pública. Em 2019, o número de matrículas no ensino médio registrou 6.531.498 (seis milhões, quinhentos e trinta e um mil e quatrocentos e noventa e oito) e a taxa de evasão chegou a 4,8% em todo o Brasil. No município de Sobral, cidade na qual foi realizada a pesquisa, a taxa de abandono foi de 2,1%. No Censo Escolar de 2018, foram registradas 6.777.892 (seis milhões, setecentos e setenta e sete mil e oitocentos e noventa e duas) matrículas, distribuídas em 19.611 escolas públicas. Os indicadores apontam 6,1% no índice de evasão.

Em junho de 2021, o Inep divulgou os resultados da taxa de abandono de 2020. No Brasil, o ensino médio atingiu 4,7% de evasão. Em Sobral, a taxa de evasão escolar do ensino médio atingiu 7,6%, sendo 1,5% na zona urbana e 6,1% na zona rural. Consequentemente, os prejuízos causados pelo quadro pandêmico na educação carregam a tendência de superar enormemente essa amostra de dados.

Como uma parcial solução para esse problema, as escolas públicas brasileiras, para não perderem alunos e aumentar o quadro de evasão, adotaram A Busca Ativa Escolar em Crise e Emergências (s/d), um plano de ação elaborado, em parceria, pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), pelo Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social (CONGEMAS), pelo Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Presente em mais de 3.100 municípios e 16 estados, a Busca Ativa Escolar é composta por uma metodologia social e uma plataforma tecnológica gratuita. Visa a apoiar

governos municipais e estaduais para identificar crianças e adolescentes em risco de abandono escolar ou fora da escola, encaminhá-los para atendimento nos diversos serviços públicos e (re)matriculá-los ou providenciar ações para que eles não abandonem a sala de aula. A Busca Ativa Escolar permite que as pessoas enviem informações sobre crianças e adolescentes fora da escola pela internet, por meio de aplicativo ou por mensagem de celular (SMS). Uma equipe intersetorial local toma as medidas necessárias para a matrícula, permanência e aprendizagem. Em tempos de pandemia do novo coronavírus, foi desenvolvido o guia Busca Ativa Escolar em Crises e Emergências para apoiar governos estaduais e municipais na garantia do direito à educação de cada criança e de cada adolescente em situações de calamidade pública e emergências, tais como pandemias – a exemplo da causada pela Covid-19, desastres naturais e outras.

As escolas do estado do Ceará aderiram à Busca Ativa Escolar, utilizando-se da distribuição de material impresso, entregue na escola, sobre os conteúdos estudados durante o ano letivo de 2020, para os alunos que não acompanharam o ensino remoto emergencial, além da distribuição de cestas básicas para as famílias dos matriculados, também entregues na escola, conforme um agendamento para não haver aglomeração, e um auxílio de R\$ 80,00, dividido em duas parcelas, para cada estudante. Tais iniciativas foram realizadas pelo governo estadual para amenizar a situação de precariedade dos alunos da rede pública. Essas ações contribuíram para que a EEM Dr. João Ribeiro Ramos atingisse quase 100% de aprovação, garantindo um baixo índice de abandono e evasão. Segundo a *Ata de Resultados Finais* de 2020, em um total de 456 alunos do ensino regular (manhã e tarde), apenas 17 estão em situação de abandono. Assim, a escola contou com uma taxa de 3,73% de evasão no ano de 2020.

Mesmo diante desses dados, dentro do atual contexto, é importante frisar que a situação de ensino-aprendizagem se agravou, na EEM. Dr. João Ribeiro Ramos, em 2020, pois apenas 34% dos estudantes conseguiram acompanhar o ensino remoto, enquanto os demais foram aprovados sem nenhum processo de aula ou de orientação pedagógica, por meio da distribuição de apostilas pela escola. Ou seja, os alunos mantiveram um vínculo escolar precarizado, o que, em tese, não se configura evasão ou abandono nos moldes do Inep. Porém, pode-se afirmar que o não acompanhamento efetivo das aulas remotas teve efeitos de “evasão”, uma *evasão atípica*, mas maquiada pela adoção de um critério de “elasticidade de

permanência” do aluno com o vínculo institucional, por meio do sistema de apostilas; no qual o processo de ensino-aprendizagem quase não aconteceu com a ausência de vários alunos que se ocuparam em outras atividades durante todo o ano letivo, embora tenham continuado matriculados em 2020, apenas recebendo apostilas com tarefas escolares (fora da escola) que deveriam ser cumpridas e devolvidas à coordenação da instituição.

Com a disponibilização do material impresso dividido em três apostilas com conteúdos de todas as disciplinas elaboradas pelo corpo docente, para a maioria dos alunos que não conseguiram acompanhar o ensino remoto, a escola conseguiu impedir um impacto negativo nos índices de evasão durante o primeiro ano de pandemia, o que, pela pesquisa realizada, aponta para um escamoeamento da evasão escolar em contexto pandêmico. O material impresso foi repassado presencialmente por meio da instituição (núcleo gestor) para os pais ou responsáveis. Os alunos que entregaram as três apostilas resolvidas foram aprovados. Tal medida, adotada por quase todas as escolas públicas de ensino médio de Sobral, só retrata o despreparo e as condições socioeconômicas das famílias em manter o ensino remoto de seus filhos, uma vez que muitos não têm acesso ao Wi-Fi (tecnologia de conectividade), computadores, um ambiente tranquilo para estudar etc. Dentre esses alunos, 191 foram contatados por meio de grupos de *WhatsApp* para que fossem convidados a responder a um formulário eletrônico (*Google Forms*) sobre a sua situação no ensino remoto. Como resultado dessa estratégia metodológica, obtivemos 28 respostas. Ao perguntar os motivos do não acompanhamento do ensino remoto, 17 alunos atestaram a falta de um celular/smartphone (inicialmente, acessavam pelo celular do vizinho), falta de internet adequada e de um computador; e os demais apresentaram outros motivos impeditivos.

No Brasil, muitos não têm acesso a computadores, celulares ou à internet de qualidade, realidade constatada pelas secretarias de educação de estados e municípios no atual momento; além disso, um número considerado alto de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades on-line, avaliar os estudantes com base em processos realizados à distância e produzir e inserir nas plataformas material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e on-line. Cumpre destacar ainda que, na pandemia, grande parte das escolas e das universidades estão fazendo o possível para garantir

o uso das ferramentas digitais, mas sem terem o tempo hábil para testá-las ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente (DIAS; PINTO, 2020).

De acordo com Silva, Silva e Cunha (2020), conforme dados da pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2019), que atua sob os auspícios da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com o objetivo de cooperar com países da América Latina e Lusófonos na África para a construção de sociedades do conhecimento inclusivas, no Brasil, 29% dos domicílios, aproximadamente 19,7 milhões de residências, não possuem internet. Desse montante de desconectados, 59% alegaram não contratar serviço de internet porque o consideram muito caro, outros 25% porque não dispõem de internet em suas localidades. Destaca-se, ainda, que 41% dos entrevistados alegaram não possuir computador para tal e que 49% não sabiam usar a internet. Desse modo, os estudantes inclusos nessas estatísticas estão fora da estratégia do ensino remoto mediado pelas tecnologias digitais.

Outros dados dessa pesquisa também devem ser considerados, como o de que apenas 37% dos domicílios possuem internet e computador. A ausência desse equipamento pode se tornar um empecilho para o acesso às aulas remotas e para o desempenho do aluno, embora possa não ser, necessariamente, um impedimento para a conexão que é realizada, sobretudo, por aparelho de telefone celular/smartphone. O computador realiza um conjunto de aplicações que podem não ser compatíveis ou facilitadas quando se usa smartphones para o desenvolvimento de atividades letivas. De todo modo, em que pese a maior adaptabilidade dos alunos às novas tecnologias, isso só ocorre se elas estiverem disponíveis. Sendo assim, os alunos que não dispõem de aparelhos celulares, que operem com eficiência os navegadores, aplicativos e plataformas utilizados para o ensino remoto, não conseguirão acompanhá-lo a contento ou não conseguirão sequer acessá-lo. Igual dificuldade podem ter as famílias que não possuem aparelhos suficientes para a conexão de todos que precisam fazer o seu uso. Há ainda uma parte significativa dos usuários para os quais o acesso à internet se dá por meio do compartilhamento com domicílios vizinhos, situação que determina uma fragilidade na categoria de incluído digital, preso à iminência constante de ser, de fato, excluído.

Conforme Bauman (2001), a desintegração da rede social – a derrocada das agências efetivas de ação coletiva – é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como “efeito colateral” não previsto da nova leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugidio. No entanto, a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, em particular, uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a dismantelar tais redes em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esses derrocar – a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanas – que permitem que esses poderes operem.

A partir da análise de Bauman (2001), a escola se transfigura e tem suas estruturas temporariamente rompidas, situação na qual o capital tecnológico-informacional assume as rédeas do jogo, à medida que desconstrói as redes densas de laços sociais com a impessoalidade da tecnologia, alterando o processo de ensino-aprendizagem quando muitos não se encontram preparados, reforçando, mais uma vez, a evasão escolar como uma consequência dos conflitos e problemas acarretados pelas desigualdades de várias ordens e da concentração de riquezas.

No contexto anterior à pandemia, o apelo ao uso da tecnologia no ambiente escolar, especificamente na sala de aula, era gritante. Observa-se, na atualidade, que a realidade se desnuda mostrando as contradições do sistema capitalista, onde alunos e suas famílias passam por inúmeras necessidades em meio a uma crise sanitária. Percebemos, nesse sentido, a pequena participação do Estado amparando essas famílias, ainda que tenhamos a iniciativa solidária de determinadas empresas privadas auxiliando com doações, inclusive de alimentos, em tempos pandêmicos.

A dura realidade de jovens e adolescentes das periferias e comunidades brasileiras traduz uma cultura de vulnerabilidade, assédio de todos os tipos, falta de perspectiva, descrença no futuro oferecido a longo prazo pela escola, fatores que se agravam no contexto pandêmico. Dentro desse preâmbulo, a tarefa do professor de Sociologia vai além da práxis educacional, na tentativa de perceber sociologicamente as particularidades da vida do educando, estimulando, no “chão da

escola”, debates e diálogos mediados pelo discurso científico, agora, por meio do ensino remoto. As tensões do mundo escolar retratam o “peso” e a responsabilidade da profissão, muitas vezes traduzidos em um sentimento de impotência diante das microrrealidades circundantes do meio educacional. Os impactos do Brasil pós-pandemia afetarão, conseqüentemente, a vida escolar, seu cotidiano, as visões de mundo de adolescentes e jovens frente às dificuldades impostas pelo sistema.

3 DIÁLOGOS SOBRE A EVASÃO E O ENSINO REMOTO: AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS DA EEM DR. JOÃO RIBEIRO RAMOS DO ENSINO REGULAR

3.1 Discussões preliminares sobre a problemática da evasão escolar no ensino remoto emergencial

Investigar os discursos dos alunos em situação de abandono ou evasão no contexto de pandemia me levou a perceber que as dificuldades se ampliam a um quadro já fragilizado que se verifica a partir da vida de cada aluno/a que participou da pesquisa. Na busca pela compreensão do fenômeno da evasão escolar, ao percorrer as ruas dos bairros D. José II, Alto Novo e Santa Casa – os quais visitei para entrevistar jovens que pararam de frequentar e não participaram de nenhuma atividade escolar durante a pandemia – as condições socioeconômicas puderem ser verificadas. Os problemas enfrentados pelas comunidades mais carentes de Sobral-CE são alarmantes, desde a situação de pobreza até as inúmeras manifestações de violências vivenciadas por todos.

Segundo Lahire (1997), o mais íntimo, o mais particular ou singular dos traços da personalidade ou do comportamento de uma pessoa, só pode ser entendido se reconstituirmos o “tecido de imbricações sociais com os outros”. Ou seja, mediante o processo de socialização, o indivíduo forma sua subjetividade, à medida que é influenciado pelo seu meio social. Tomando por base a existência de diferentes formas de representação social, em que o ato de estudar não tem nenhum significado, certamente, esse fato influenciará, sem nenhum motivo aparente, a decisão do aluno em deixar a escola, o que se traduz em tensões amplificadas pela difícil situação na qual estamos inseridos atualmente, afetando, de maneira mais contundente, crianças, adolescentes e jovens da escola pública brasileira, pertencentes às famílias das classes D e E¹³, de uma maneira geral. Nesse sentido, ouvi-los é um importante papel da professora-pesquisadora da disciplina de Sociologia da escola, que agora tem o processo de ensino-

¹³ A classe social é uma categoria histórica, isto é, as classes sociais estão ligadas à evolução e ao desenvolvimento da sociedade, sendo encontradas no interior das estruturas sociais construídas historicamente. Por isso é que faz pouco sentido os sociólogos da escola da estratificação falarem de classes altas, médias e baixas em todas as sociedades em todos os tempos. Ainda, as classes sociais não são imutáveis no tempo, formam-se, desenvolvem-se e modificam-se à medida que a sociedade também se transforma (MARX *apud* TINEU, 2017, p. 03).

aprendizagem reduzido a uma tela de computador ou celular, na qual não é permitido se fazer uma leitura mais aproximada do estudante e nem ao menos conhecê-lo como antes. Paradoxalmente, apesar da baixa taxa de evasão escolar registrada ao longo do ano letivo de 2020, na EEM Dr. João Ribeiro Ramos, como vimos no capítulo anterior, a dinâmica do ensino remoto não atendeu adequadamente o aluno carente das comunidades de Sobral, o qual tem a escola como um espaço de sociabilidade, de alimentação/merenda escolar, de conversa com colegas e professores, da manifestação das juventudes, das paqueras e namoros, dos grupos juvenis e das transgressões etc.

Segundo Dayrell (2007), ao se referir à condição juvenil, é importante situar o lugar social dos jovens. Mesmo considerando as suas agências e táticas para existirem na sua diversidade, constata-se que a vivência das juventudes nas camadas populares também possui as suas dificuldades estruturais, vez que os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição de jovens está a da pobreza, a qual interfere diretamente em sua trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil.

Na escola, essas tensões se manifestam, adentrando no cotidiano muitas vezes de maneira agressiva, pois essa condição juvenil está direta ou indiretamente entrelaçada com a sociedade de consumo, e, para exercê-la, necessitam de trabalho; na ausência de políticas públicas e de empregabilidade, tornam-se vulneráveis a qualquer situação que os leve a seguir outros caminhos, formatando uma realidade de profundo desinteresse pelo conhecimento e pela educação como um todo, uma vez que substituem o investimento a longo prazo por subempregos que garantam e imediatizam o consumo de uma maneira geral.

A difícil realidade à qual o estudante está atrelado é a da falta de recursos materiais (internet, computador, celular, ambiente adequado para estudo, alimentos etc.), além do nível de instrução das famílias para auxiliar nas tarefas escolares. Esses continuaram sendo os fatores mais prejudiciais para a permanência e o desempenho satisfatório dos jovens também no ensino remoto, pois já existiam antes da pandemia, o que aponta para as condições socioeconômicas que a juventude da escola pública enfrenta. Parafraseando Lahire (1997), a escola é um universo de cultura escrita, e se a família não exerce uma relação com a leitura e a escrita, o adolescente cresce em um ambiente desfavorável ao seu aprendizado, e, possivelmente, terá dificuldades em executar as tarefas escolares em casa,

implicando em seu aprendizado, considerando a ausência de orientação e o estímulo para os estudos. No entanto, o aluno não desenvolve a cultura de estudar em casa, não consegue aprender, desinteressando-se da escola, principalmente aqueles que chegam ao ensino médio com deficiência de aprendizagem. De uma maneira geral, a família transfere para a escola o seu papel, e esta, muitas vezes, não consegue resolvê-lo devido às demandas já existentes, transferindo à família a responsabilidade pelo mal desempenho dos estudantes. Todos esses fatores já existentes, conseqüentemente, se agravaram na pandemia, mostrando as profundas desigualdades de várias ordens manifestadas na sociedade de classes.

De acordo com Chauí (2016), à primeira vista, os recursos visuais corresponderiam a uma concepção inteiramente nova da educação, na medida em que fariam o aluno atuar como totalidade corporal e espiritual, de sorte que ver, ouvir e tocar sejam considerados atos tão significativos quanto ler e escrever. No entanto, quando nos aproximamos um pouco da realidade dos recursos audiovisuais, ou pelo menos daqueles mais comumente empregados no Brasil, nota-se que podem realizar o oposto do que pode pretender para que haja um bom êxito do processo de ensino-aprendizagem.

Em primeiro lugar, verifica-se que o jovem fica reduzido à posição de mero consumidor e que sua passividade é aumentada pela ilusão de atividade ou de “participação” que tais recursos supostamente lhe pediriam, uma vez que não é criador deles, mas seu receptor, e, quando muito, seu imitador.

Em segundo lugar, há nesses recursos uma tendência a simplificar enormemente as questões, banalizando o conhecimento, freando o pensamento, tornando o mundo da cultura algo “divertido”, porque, na “diversão”, desaparece o trabalho criador como trabalho (isto é, como transformação da realidade imediata numa obra que a exprime e a compreende).

Em terceiro lugar, há nesses recursos uma redução da dimensão simbólica da cultura, porque sua dimensão expressiva ou significativa é achatada numa concepção binária e puramente denotativa dos signos, uma vez que os recursos audiovisuais estacionam na esfera da correspondência biunívoca entre um signo e uma coisa, anulando aquilo que torna possível tal correspondência: a significação ou expressão. A conotação desaparece e, com ela, o simbólico, o imaginário e a possibilidade da crítica, pois como se poderia criticar aquilo que é

puramente denotativo? Isto é, aquilo cujo sentido parece como inteiramente dado na relação transparente do signo com a coisa? A autora complementa:

Diante dos recursos audiovisuais, poderíamos indagar: a quem interessa uma relação com a cultura na forma do consumismo? A quem interessa a banalização e simplificação da cultura? A quem interessa ocultar a dimensão do trabalho cultural sob a ilusão da “criatividade”? A quem interessa que a educação seja apenas mais um item da cultura de massa e da indústria cultural? Quem lucra, do ponto de vista econômico, com a fabricação desses recursos? Quem lucra, social e politicamente, com seu uso? A quem interessa que a democratização da cultura seja sinônimo de massificação, de tal modo que o “direito igual de todos à educação” se converta automaticamente na suposição de que, para ser um “direito igual”, a educação deve reduzir-se à vulgarização dos conhecimentos através da mídia. Assim como a autoavaliação inventa uma pseudoliberalidade, o recurso audiovisual tende a transformar a igualdade educacional em nivelamento cultural pelo baixo nível dos conhecimentos transmitidos. (CHAUÍ, 2016, p. 252).

A partir da crítica elaborada pela autora, destacando os usos de recursos tecnológicos para reduzir o papel essencial da educação e da cultura, temos a profunda percepção de uma dinâmica de aprendizagem quase que completamente alterada, que já sofria críticas antes do contexto pandêmico, contribuindo para um “novo” fracasso escolar a partir do ensino remoto. Fenômeno este que não nos deixou saída diante de um assustador contexto de pandemia, no qual o distanciamento social foi a principal alternativa para combatê-la, e o fechamento das escolas foi inevitável. Alunos, professores e núcleo gestor aderiram às plataformas digitais, como *Google Meet*, *Google Forms*, *Google Classroom* e *Zoom*, por meio de aplicativos via celular para a continuação do ano letivo. Mesmo estando em quase total despreparo para a produção do processo ensino-aprendizagem nesse contexto virtualizado, a EEM Dr. João Ribeiro Ramos uniu esforços para acompanhar, de forma repentina e avassaladora, a implantação das novas ferramentas em face à pandemia da COVID-19.

Do ponto de vista das entrevistas com alunos e alunas em situação de abandono, os encontros tiveram de ser presenciais devido à dificuldade de encontrá-los pelos números telefônicos fornecidos à escola, pois esses números mudam constantemente; a mais, também foi difícil contatá-los pelas redes sociais na internet. Dada essa particularidade, decidi ir pessoalmente as suas residências e conhecer a realidade na qual vivem, estabelecendo uma maior proximidade, tomando as devidas medidas de segurança sanitária, a exemplo de distanciamento, máscara e álcool em gel. É importante destacar que as entrevistas aconteceram em

um momento de flexibilização do distanciamento social, o que me permitiu ir até as suas residências. No campo, percebi que cada um tem sua história e seus problemas para contar do porquê do não acompanhamento das aulas virtuais, o que pude acessar mais detalhadamente por meio da técnica de entrevista qualitativa semiestruturada.

Conforme Bauer e Gaskell (2002), o emprego da entrevista qualitativa semiestruturada é o ponto de entrada para o cientista social mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes. A partir de esquemas interpretativos das falas dos entrevistados, é possível compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação à adoção de outras técnicas de pesquisa. A entrevista qualitativa fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação.

No trabalho de campo, as condições socioeconômicas dos alunos entrevistados, jovens entre 15 e 18 anos, manifestaram-se em suas narrativas e visões de mundo. Muitas vezes, a “fuga” das aulas virtuais poderia representar a falta de um celular, de um computador; o envolvimento com as facções do chamado “aluno marcado”, um estigma criado pelo próprio meio social para designar aqueles envolvidos no jogo violento desses grupos sociais mediados pelo tráfico de drogas; jovens que, mesmo virtualmente, tiveram medo de acompanhar as aulas on-line na referida escola, além das razões não reveladas na entrevista.

Segundo Felix (2003), na adolescência, a “personalidade” social ainda não está cristalizada: os papéis ainda não se tornaram máscaras endurecidas sobre os rostos, o adolescente está à procura de si mesmo e à procura da condição adulta, de onde brota uma primeira e fundamental contradição entre a busca da autenticidade e a busca de integração na sociedade. A essa dupla busca se une a busca da “verdadeira vida”. Os jovens buscam uma identidade própria e autonomia para exercê-la, mas, na sociedade de controle¹⁴, essa identidade é moldada pelo

¹⁴ Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, as quais marcam o acesso à informação ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – as quais serviam de medida padrão –, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda (DELEUZE, 1990).

consumo. Nesse sentido, encontram dificuldades para se encaixar, especialmente os que vêm das classes menos favorecidas. Para serem aceitos na sociedade capitalista, na qualidade de consumidores, acabam tomando atitudes e caminhos “desviantes” ou mesmo ilícitos, objetivando consumir todos os tipos de mercadorias, como roupas, lazer, celular, comida etc. Nesse momento crucial de sua formação, podem pôr em xeque um futuro em conformidade com a moralidade e com a legalidade, vez que investir na sua própria educação não se torna algo atraente, por se constituir em um retorno a médio ou longo prazo ou mesmo por não haver perspectiva de retorno.

Nesse sentido, fatores não escolares interferem na “vivência” virtual do aluno com professores, colegas e núcleo gestor da instituição escolar, problemas já existentes, manifestados há muito tempo na sociedade brasileira, anteriores ao contexto pandêmico, intrinsecamente atrelados às desigualdades socioeconômicas do país. No seio das contradições do capitalismo – o sistema produtor de grandes riquezas – há a reprodução de grandes desigualdades sociais. O modelo de estratificação social capitalista, representado pelas classes sociais, reflete no poder aquisitivo de seus indivíduos. Na sociedade capitalista, tudo se transforma em mercadoria, inclusive a educação. Trazendo para o contexto pandêmico, ricos, medianos e pobres, conseqüentemente, atravessam a crise em condições de vida diferentes, ainda que a doença não escolha classe social. Partindo dessa análise, as escolas públicas passam por novas configurações em termos de metodologias de ensino, mas com um enfrentamento ainda maior no combate à evasão e o abandono, com o mesmo leque de problemas agravados pela pandemia.

Em tempos de pandemia, enquanto professores e alunos, notadamente aqueles das camadas sociais menos favorecidas, sofrem brutalmente as consequências negativas da crise sanitária mundial, as grandes empresas transnacionais do setor de tecnologia, como a *Google* e a *Microsoft*, expandiram os seus negócios de tecnologia educacional (TE) com ensino remoto e expedientes de educação a distância, acessando dados institucionais e pessoais com o uso de plataformas de videochamada e de plataformas de *e-learning* etc. Assim, constata-se que um dos efeitos paradoxais da pandemia foi a ampliação dos negócios dessas grandes corporações que se beneficiaram com o mercado que se fez por causa da pandemia, a qual levou à adoção do isolamento social para contê-la, e, conseqüentemente, ao ensino remoto.

Dentro dessa ordem, a escola acontece onde o modelo econômico capitalista se impõe a todos, refletindo as desigualdades sociais influenciadoras do fracasso na escola, caracterizado pela reprovação e evasão escolar. Apple (2017) afirma que a sociedade que não se organiza em torno de normas e racionalidade de amor, cuidado e solidariedade, e que não se envolve em lutas bem-sucedidas sob essas formas não pode ser considerada verdadeiramente comprometida com a igualdade. Para o autor, é fundamental compreender que um sistema educacional que evacue essas normas e racionalidades é melhor visto como “treinamento”, ao invés do que podemos chamar de educação.

Cada vez mais, sob o poder crescente de formas ideológicas neoliberais, a educação está sendo comoditizada. Suas instituições estão sendo transformadas em “produtos” que devem ser sujeitos à lógica do mercado. E as pessoas que trabalham nas instituições educacionais em todos os níveis são valorizadas apenas pelas suas contribuições a uma economia desigual. Romper com as barreiras construídas pelo capital é tarefa essencial da escola. Em meio à carência e à falta de oportunidade, a afetividade e a criatividade tornam-se preponderantes para esse fim, na elaboração de uma cultura baseada na cooperação.

A problematização sobre o meio social, onde o aluno está inserido ou é socializado, é fundamental para se perceber até onde esse lugar o influencia, o afeta, o transforma ou tem o poder de paralisá-lo. Bauer e Gaskell (2002, p. 71) afirmam que, embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais. As entrevistas realizadas com os alunos em situação de evasão escolar foram orientadas a partir de um tópico-guia, de modo que as questões mais relevantes não fossem esquecidas durante a entrevista, momento crucial para a obtenção de informações sobre esses atores sociais. De acordo com Bauer e Gaskell:

O tópico-guia é parte vital do processo de pesquisa e necessita atenção detalhada. Por detrás de uma conversação aparentemente natural e quase casual encontrada na entrevista bem-sucedida, está um entrevistador. Como ideal, o tópico-guia deveria caber em uma página. Ele não é uma série extensa de perguntas específicas, mas ao contrário, um conjunto de títulos de parágrafos. Ele funciona como um lembrete para o entrevistador, como uma salvaguarda quando der “branco” no meio de uma entrevista, um sinal de que há uma agenda a ser seguida, e (se um número de minutos é fixado a cada parágrafo) um meio de monitorar o andamento do tempo da entrevista (BAUER; GASKELL, 2002, p. 66).

Dessa forma, o tópico-guia contribuiu muito no momento da entrevista, auxiliando-me nos pontos principais que não poderiam faltar nos “diálogos” com os jovens, os sujeitos da pesquisa.

3.2 Entrevistas presenciais e semiestruturadas com alunos em situação de evasão durante a pandemia de COVID-19

Inicialmente, ao apresentar as entrevistas e relatos coletados com os sujeitos da pesquisa, é interessante frisar que foram utilizados nomes fictícios para preservar as identidades dos interlocutores, garantindo dignidade e os direitos dos entrevistados que participaram da pesquisa

A primeira entrevista foi com Antônio, de 16 anos, morador do bairro Dom José II. O adolescente é criado pela avó. A família é composta por cinco pessoas que moram numa casa muito simples. Para atravessar a pandemia, receberam o auxílio emergencial¹⁵, em 2020, e já recebiam o bolsa família¹⁶, que foi incorporado ao referido auxílio.

Quando cheguei a sua residência, no dia 26 de fevereiro de 2021, às 15h, Antônio Jogava bola no campo próximo a sua casa. Percebi que não estava muito interessado em dialogar, mas resolveu me conceder a entrevista. Perguntei sobre as dificuldades enfrentadas na pandemia. Antônio, com um discurso que parecia ser desinteressado, apenas respondeu que não havia achado boa a situação. Em relação ao não acompanhamento das aulas on-line, a irmã respondeu que ele estava com medo das facções, e Antônio completou dizendo que alguém já havia morrido. Perguntado se ele tinha algum envolvimento com esses grupos, ele respondeu que não, mas não confiava neles. Questionei sobre as aulas serem on-line. Antônio retrucou dizendo que passou um tempo sem celular, que a casa não tem acesso à internet e que a família usa a rede Wi-Fi do vizinho. Antônio não está trabalhando e não quer mais voltar a estudar na EEM Dr. João Ribeiro Ramos. Segundo ele, por causa da violência das facções. O discurso do adolescente em

¹⁵ O Auxílio Emergencial foi criado para assegurar uma renda mínima aos brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia da COVID-19. O benefício de R\$ 600,00 foi garantido a todos os brasileiros que se enquadram nos critérios da Lei n.º 13.982/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

¹⁶ É um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país, cujo objetivo é a superação da situação de vulnerabilidade, pobreza e extrema pobreza. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acesso-a-informacao/carta-de-servicos/desenvolvimento-social/bolsa-familia-1>. Acesso em: 20 mar. 2021.

relação a esse fato demonstrava preocupação e medo. A avó me informou que ele tem amigos envolvidos com facções e que, por isso, o adolescente está com medo de ser atingido. Antônio não soube responder, ao menos no momento da entrevista, quando perguntado sobre a importância da escola em sua vida. A partir da sua fala, um pouco tímida, dificilmente o aluno retornará à escola em 2021. Seu afastamento se deve à violência manifestada no bairro. Antônio pode ser um “aluno marcado”, e sua presença nas aulas on-line pode lhe causar sérias complicações, pois membros das facções rivais delimitam seus territórios e atuam dentro das escolas, podendo exercer o seu controle até de forma remota, observando quem aparece nas aulas on-line.

É necessário frisar que, mesmo não havendo uma comprovação empírica de que Antônio seja usuário de drogas, tratando-se apenas do envolvimento com amizades ligadas às facções, abordo autores que tratam dessa problemática com adolescentes e como esse fator pode levar à evasão escolar.

Muitos alunos evadem por medo e ameaças de todos os tipos por grupos rivais, manifestando uma espécie de “microterrorismo” em nível local, pondo em xeque a segurança nas escolas públicas e frequência dos jovens às aulas. A ausência ou a escassez de políticas públicas voltadas para os jovens das periferias – isto é, políticas de acolhimento em todos os níveis, especialmente nas escolas – faz com que os atores sociais do tráfico de drogas concorram pela tutela do jovem, acolhendo-o, assediando-o em uma situação vulnerável, muitas vezes obtendo “sucesso” na sua empreitada.

É comum, na adolescência, o despertar da curiosidade sobre as coisas do mundo vivenciadas nessa fase e a influência de ideias e comportamentos de matrizes diversas. Essas questões levam à busca por experimentar o novo, seja lícito ou ilícito. As drogas¹⁷, por exemplo, estão dentro desse contexto, refletindo na vida escolar. Além dos problemas familiares, as dificuldades em enfrentar situações difíceis, a exclusão social, a falta de oportunidades de trabalho (no caso dos pais) e de lazer, assim como a falta de condições diversas, para o

¹⁷ Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), droga é qualquer substância que, introduzida no organismo, interfere no seu funcionamento. Consequentemente, tanto é droga a maconha quanto a aspirina e o antibiótico; tanto o álcool quanto a cocaína; tanto o cigarro quanto LSD; tanto o cafezinho quanto o lança perfume. O que varia é como atua no organismo de cada indivíduo, bem como a finalidade, pois, quando a droga é empregada com finalidade terapêutica, ela passa a denominar-se medicamento. Disponível em: <https://www.who.int/portuguese/countries/bra/pt/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

cumprimento de regras sociais elementares, também geram instabilidade e vulnerabilidade na vida do estudante em formação. Em relação ao universo dos jovens e adolescentes, Ozella (2002) afirma:

Temos buscado uma saída teórica que supere a visão naturalizante e patologizante da adolescência presente na Psicologia. Uma saída que supere a visão de homem, baseada na ideologia liberal, que vê o homem como autônomo, livre e capaz de se autodeterminar. Que, resumidamente, vê a adolescência como uma fase natural do desenvolvimento, apontando nela características naturais como rebeldia, desequilíbrios e instabilidades, lutos e crises de identidade, instabilidade de afetos, busca de si mesmo, tendência grupal, necessidade de fantasiar, crises religiosas, flutuações de humor e contradições sucessivas. Enfim, um conjunto de características que têm sido tomadas como uma síndrome normal da adolescência. (OZELLA, 2002, p. 20).

Na *síndrome normal da adolescência*, elaborada pelo autor, crises de várias ordens constituem-se em características ditas “normais” da adolescência. Nesse sentido, o relacionamento com as drogas, em um momento delicado de formação da personalidade, pode justificar, ao menos em parte, a fuga de seus possíveis dramas e traumas pelo uso de entorpecentes, sejam lícitos ou ilícitos¹⁸, e, como consequência, têm-se a possibilidade do desinteresse pelos estudos e o envolvimento com a criminalidade ou, mais precisamente, com as facções.

De acordo com Rolim (2014), em seu trabalho sobre a formação de jovens violentos, muitos meninos que se afastam da escola são, de fato, recrutados pelo tráfico de drogas e são socializados de forma perversa. O Brasil figurava, no estudo de Rolim (2014), com a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países de maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)¹⁹, atrás apenas da Bósnia e Herzegovina e do arquipélago de São Cristóvão e Névis.

O autor aponta o despreparo de professores para lidar com alunos mais vulneráveis e problemáticos, tornando-se o primeiro impasse para a escola tentar lidar com o problema. E acrescenta que jovens de área de exclusão, que nunca abriram um livro e têm pai analfabeto, requerem toda uma preparação específica, e grande parte dos professores não está preparada para lidar com as suas

¹⁸ Drogas lícitas são aquelas permitidas por lei, as quais são compradas praticamente de maneira livre, e seu comércio é legal. Drogas ilícitas são aquelas cuja comercialização é proibida pela justiça, as quais também são conhecidas como “drogas pesadas” e causam forte dependência. Disponível em: <https://www.infoescola.com/drogas/drogas-licitas-e-ilicitas>. Acesso em: 21 mar. 2021.

¹⁹ O IDH é uma média das conquistas de desenvolvimento humano básico em um país. Como todas as médias, o IDH mascara a desigualdade na distribuição do desenvolvimento humano entre a população no nível de país. Disponível em: <https://www.br.undp.org/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

especificidades. Para Rolim (2014), família e escola são instâncias de mediação por meio das quais o contexto social modula o comportamento. Ambas as instituições são fundamentais para se compreender a delinquência na infância e na adolescência. Segundo o autor, pobreza, famílias grandes (diferentemente de casas superlotadas que aparecem no estudo com efeitos negativos para delinquência) e mudança de domicílio são fatores sociais que aumentam as dificuldades de supervisão e monitoramento dos filhos, configurando um ambiente propício à criminalidade e possivelmente ao abandono escolar.

A segunda entrevista também aconteceu no dia 26 de fevereiro de 2021, no bairro Dom José II. Ana, de 17 anos, concedeu a entrevista com muita clareza e apontou a dificuldade de locomoção como um dos maiores obstáculos que sua família enfrentou na pandemia, porque inviabilizou o trabalho de sua avó e tia, as quais trabalham como empregadas domésticas. Sua família também recebeu o auxílio emergencial do governo federal. Ana não conseguiu terminar o ano letivo em 2020, pois, no mês de agosto, o celular danificou. Sem condições de adquirir outro aparelho e sem computador, foi procurada pela coordenação da escola para retomar suas aulas, oportunidade em que relatou a sua situação. Em sua residência, a jovem tem acesso à internet (Wi-Fi), mas Ana está impossibilitada de acompanhar as aulas on-line por falta de recursos materiais e financeiros. A mãe foi embora para Fortaleza e prometeu à Ana um novo celular no início de 2021. A jovem está aguardando para retornar às aulas, porque quer muito terminar o ensino médio. A adolescente ressalta:

Se já é difícil pra quem tem estudo, imagina pra quem não tem. A escola é um meio de ajuda para transformar o futuro da pessoa, que é a partir dela que a gente vai se esforçar para que no futuro a gente seja algo que a sociedade não..., porque hoje em dia quem não tem trabalho são chamados de vagabundo que não querem nada na vida, né. Aí eu acho assim, que a escola ajuda muito em relação a gente ter um futuro mais lá na frente.

Ana possui uma visão positiva sobre a escola. Para a jovem, a escola é um “meio de ajuda para transformar o futuro da pessoa”, associando a escola e os estudos nela realizados à abertura de possibilidades para a inserção no mercado de trabalho, contribuindo para a garantia de um “futuro” melhor.

Assim como Ana, 66% dos alunos da EEM Dr. João Ribeiro Ramos não acompanharam as aulas on-line, muitos alegaram a falta de recursos materiais como

celular, computador e internet, além daqueles que tiveram condições de acesso, mas optaram pelas apostilas impressas, segundo relatos da coordenação da escola.

Jesus e Dayrell (2016) entendem que, em um nível mais amplo, temos de considerar que, quando cada um desses jovens nasceu, inseriu-se numa sociedade que já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. São as macroestruturas que vão apontar, em princípio, um leque mais ou menos definido de opções em relação a um destino social, seus padrões de comportamento, seu nível de acesso aos bens culturais etc. e que vão definir as experiências às quais cada um dos jovens adolescentes teve e tem acesso. Assim, a idade, o gênero, a raça, o fato de serem filhos, na sua maioria, de trabalhadores sem ou com baixa formação escolar e técnica, entre outros aspectos, são dimensões que interferem na trajetória escolar de cada um deles.

O encontro com a aluna Paula, de 17 anos, também ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2021, no bairro Alto Novo, às 16h18min. Paula se encontrava na casa do namorado quando a procurava na residência de sua mãe, a qual me acompanhou até o endereço. A mãe de Paula trabalha como diarista. Ela recebeu o auxílio emergencial, o qual ajudou bastante a família a sobreviver em tempos de pandemia. Inicialmente, a aluna falou sobre as dificuldades no ensino remoto. Segundo ela, acompanhava as aulas on-line com o celular de sua mãe e não estava conseguindo aprender com o novo formato das aulas. Disse que nem sempre podia estar presente, pois, quando sua mãe saía para o trabalho, ficava cuidando da casa, de seu irmão mais novo e de seu sobrinho. Paula conta que, nas aulas presenciais, conseguia administrar seu tempo e complementa a situação com problemas pessoais, os quais não quis comentar, e o divórcio de seus pais ainda não superado por ela. Todo esse conjunto de fatores a fizeram desistir do ano letivo. Durante a pandemia, no ano de 2020, Paula viajou para Brasília (DF) com o objetivo de morar com o seu pai, mas a convivência com a madrasta foi muito difícil. Ela conta que não suportou a situação e mudou-se no mesmo ano para o Rio de Janeiro (RJ), na cidade de Niterói, onde tem parentes, como tios e primos. No seu retorno a Sobral, Paula continua sem celular e não está participando das aulas em 2021. Em situação de evasão escolar, a aluna está com as apostilas de 2020 para fazer e garantir sua matrícula na série seguinte (3º ano), pois pretendia voltar a estudar ainda este ano com ou sem celular. Sem emprego formal, Paula está fazendo um trabalho como modelo fotográfica para maquiadoras. Durante a entrevista, Paula faz uma relação

entre a escola e o seu futuro, entre o que se deve aprender na escola e a preparação para se inserir no mercado de trabalho. Destaca que a situação na qual se encontrava, de não poder acessar as aulas on-line, lhe impediu de aprender. Nesse sentido, a jovem comenta:

A escola representa tudo, aprendizagem, né. Porque quando a gente tá lá toda hora e todo tempo, a gente vê uma coisa, a gente só vai ver mesmo o valor quando a gente sente falta. Porque isso vai ser meu futuro, foi o que eu estava pensando, eu não estava aprendendo, né, o que é que eu vou fazer? Pra mim ser um gari eu vou fazer uma prova pra poder passar, basicamente todos os empregos vai ter que precisar da aprendizagem.

As dificuldades vividas por Paula retratam não somente as condições socioeconômicas, mas trazem um outro fator chave que pode levar os jovens à evasão escolar: o não aprendizado. Na sala de aula, Paula é uma aluna inteligente, com uma boa aprendizagem, mas, além de não possuir celular, não se adequou ao ensino remoto e percebeu que sua aprendizagem estava comprometida. Em casos como o de Paula, não são raras as vezes nas quais a responsabilidade pelo novo processo de ensino-aprendizagem, por meio das aulas remotas, recaiu no professor, sem ou com pouca formação para atender às especificidades dos estudantes, além de não poder solucionar os problemas estruturais gerados pelas desigualdades sociais. Certamente, os professores sozinhos também não têm como aplacar as condições de vida dos jovens da rede pública, as quais afetam na sua permanência e aprendizado na escola, sobretudo no contexto pandêmico.

De acordo com o Parecer nº 5/2020, do Conselho Nacional de Educação (CNE), a pandemia de COVID-19 pode acarretar: dificuldade para reposição de forma presencial da integralidade das aulas suspensas ao final do período de emergência, com o comprometimento ainda do calendário escolar de 2021 e, eventualmente, também de 2022; retrocessos do processo educacional e da aprendizagem aos estudantes submetidos a longo período sem atividades educacionais regulares, tendo em vista a indefinição do tempo de isolamento; danos estruturais e sociais para estudantes e famílias de baixa renda, como estresse familiar e aumento da violência doméstica nas famílias, de modo geral; abandono; e aumento da evasão escolar.

Todavia, o órgão destacou que, independente da estratégia adotada (aulas não presenciais), as redes de ensino devem: I) ter como finalidade o atendimento dos direitos e objetivos de aprendizagem previstos para cada série/ano;

II) assegurar e manter o padrão de qualidade previsto em leis (Lei de Diretrizes e Bases da Educação e Constituição Federal); III) cumprir a carga horária mínima prevista na LDB; IV) evitar retrocesso de aprendizagem por parte dos estudantes e a perda do vínculo com a escola; V) observar a realidade e os limites de acesso dos estabelecimentos de ensino e dos estudantes às diversas tecnologias, sendo necessário considerar propostas inclusivas e que não reforcem ou aumentem a desigualdade de oportunidades educacionais; e VI) garantir uma avaliação equilibrada dos estudantes, assegurando as mesmas oportunidades a todos e evitando o aumento da reprovação e do abandono escolar (BRASIL, 2020). Para o desenvolvimento das atividades não presenciais, o Parecer CNE nº 5/2020 orientou os sistemas de ensino para que: “Neste período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares” (BRASIL, 2020, p. 9).

Partindo de um olhar crítico sobre educação escolar no contexto pandêmico, jovens e adolescentes do ensino médio se depararam com um novo “anormal”, onde muitos não estão se adequando e sabendo como lidar com a difícil realidade na qual se encontram, ainda que ela se apresente como temporária. Consequentemente, o processo de ensino-aprendizagem torna-se inviável ou bastante prejudicado, quando os jovens não se adéquam ou se recusam, por vários motivos já citados anteriormente, e por meio das entrevistas, a participar do ensino remoto (aulas on-line no *Google Meet*).

Para Freire (2004 *apud* SILVA; SILVA; CUNHA, 2020, p. 33), a educação é um processo que pressupõe o encontro. Não existe docência sem discência, o ensino se realiza com vistas à aprendizagem, pois ensinar não é um ofício solitário, mas uma ação que se constrói conjuntamente entre os agentes participantes desse processo, sobretudo pela troca socializadora que o encontro propicia. Lamentavelmente, o ensino remoto ou esse arranjo contingencial (o possível nesse período de transição forçada do ensino presencial ao ensino remoto) pode não dar conta desse encontro e dessa aprendizagem anunciados por Freire (2004) e esperados pelo CNE, além de relegar a aprendizagem para segundo plano em nome de manter, mesmo que formal e precariamente, os jovens matriculados, com acesso a algo que simule o que se fazia em sala de aula. Apesar das muitas limitações e problemas, dos prejuízos à qualidade da educação e à isonomia para o acesso e a

permanência na escola, o ensino remoto foi a forma que os sistemas de ensino e as escolas encontraram para manter os vínculos com os estudantes, impedindo um desligamento total entre eles e a escola em razão do isolamento social.

Segundo Silva, Silva e Cunha (2020, p. 34), observa-se que os estudantes, os professores e as famílias têm se esforçado na tentativa de superar os obstáculos e prejuízos decorrentes da interrupção das aulas presenciais. Entretanto, de acordo com pesquisa realizada pelo *Movimento Todos Pela Educação*, com base nos dados do CETIC (2018) e INEP (2017), 67% dos professores, por exemplo, declaram necessidade de aperfeiçoamento ou formação para fazerem o uso pedagógico das tecnologias para mediar adequadamente o processo de ensino. O estudo evidencia, ainda, que 76% dos professores se mobilizaram para aprender a respeito das tecnologias educacionais, cujo objetivo foi superar as dificuldades do momento. Além disso, apontam que a maioria dos professores não tiveram em sua formação inicial e nem continuada a preparação para o uso de tecnologias na educação. Diante desse quadro, os autores complementam:

Os indicadores apresentados corroboram a ideia de que o ensino remoto mediado por tecnologia digital, nesta situação de pandemia, é um arranjo circunstancial de emergência, longe de atender as demandas de uma proposta educacional que garanta o acesso, permanência e possibilidades satisfatórias de aprendizagem. Por isso falamos em agravamento à qualidade, conforme o que estabelecem a LDB, a Constituição Federal e o CNE por meio do Parecer Nº 5/2020: o ensino deve ser ministrado com garantia de padrão de qualidade, visando ao pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania (SILVA; SILVA; CUNHA, 2020, p. 34).

No dia 03 de março de 2021, às 15h40, no bairro Dom José II, fiz a quarta entrevista com a aluna Maria, de 17 anos, que estava cursando o 3º ano do ensino médio, em 2020, e optou por não acompanhar as aulas on-line. De acordo com Maria, a maior dificuldade encontrada por sua família foi o trabalho, pois seu pai é autônomo, trabalha descarregando cimento, e, na pandemia, a atividade havia paralisado. Maria está casada e morando com o esposo de 20 anos, no residencial Caiçara, mas concedeu a entrevista na casa de seu pai adotivo. Assim como Paula, a aluna também sentiu dificuldades de aprendizagem no ensino remoto e prefere a aula presencial. Segundo ela, o celular distrai no momento da aula, e a estudante acaba por não compreender o que o/a professor/a está dizendo. Maria completa:

Não tive paciência e acabei desistindo. Presencial é mil vezes melhor, porque você está ali interagindo, você pode fazer pergunta na hora, não tem travamento e nem vergonha de falar ou de aparecer. Virtual é bem mais

complicado, é bom presencial, porque está ali presente, interagindo com todo mundo.

Não foi por falta de recursos materiais que a aluna desistiu, mas sim pela não adequação ao ensino remoto. Como Maria transita entre dois domicílios, a renda familiar da casa de seu pai é de aproximadamente R\$ 1.500,00, um pouco mais de um salário-mínimo, e a renda de seu esposo também possui a mesma faixa, garantida pelo trabalho como comerciante numa venda de produtos eletrônicos no mercado público da cidade. A família recebeu auxílio emergencial, o que ajudou bastante nas despesas da casa. Maria chegou a trabalhar, entre outubro de 2020 até janeiro de 2021, no Mercado Central, vendendo vários tipos de produtos (Bolsas, roupas, brinquedos e eletrônicos), mas o comércio não estava faturando bem, e ela foi despedida. Ela pretende retornar aos bancos escolares somente em 2022, cursando a Educação de Jovens e Adultos (EJA), para agilizar o término do ensino médio que deixou para trás. Para Maria, a escola possui grande importância na sua vida, não podendo continuar na escola em razão de fatores que repercutiram na sua aprendizagem na pandemia. Por outro lado, como já sinalizado, faz planos para retornar à escola após a pandemia. Vejamos, com suas palavras, a sua visão sobre a escola e a vantagem de aprender:

A escola representa muita coisa na minha vida, que ali foi um abrigo pra mim, para descobrir novas coisas, como é o mercado de verdade, ensinou várias outras coisas, as histórias passadas, algo que eu nem sabia, multiplicações, divisões. Por mim eu continuava a estudar, a escola me fez evoluir cada vez mais, com ela eu aprendi a leitura, eu aprendi várias outras coisas, e ela é muito importante e ainda continua sendo importante pra minha vida. Porque tem novas descobertas que eu ainda nem sei e tá lá pra estudar. A escola sempre está aberta, independente da idade da pessoa, nunca é tarde para aprender as coisas. Ainda continuo querendo buscar o aprendizado, porque sou muito nova, tenho muita coisa pra receber de ensinamento, e eu pretendo dar isso também as minhas novas gerações no futuro, como os meus filhos, tudo que eu aprendi eu vou mostrar pra eles. É isso.

Parafraseando Foucault (1996), não há na sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza. Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que "se dizem", no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem

de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.

Contudo, os discursos produzidos de maneira espontânea pelos jovens em situação de evasão nos relevam as fragilidades que esses atores sociais carregam, decorrentes das desigualdades construídas historicamente pela sociedade de classes. As dificuldades encontradas pelos jovens e adolescentes da rede pública de ensino em se manter na escola podem influenciá-los negativamente, desmotivando-os no momento delicado de suas vidas, no período de autoafirmação e formação da personalidade. Considerando a complexidade da psique humana, cada um reage de maneira diferente os seus próprios desafios perante a vida. Sem essa análise ou entendimento, não é possível mergulhar no universo cultural do estudante carente da periferia, seus medos, anseios, desejos, visão de mundo e sociabilidades.

Segundo Dayrell (2007), a educação da juventude e a relação dos jovens com a escola têm sido alvo de debates que tendem a cair numa visão apocalíptica sobre o fracasso da instituição escolar, com professores, alunos e suas famílias culpando-se mutuamente. Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável, além de outros adjetivos que qualificam o que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. Mediante o desafio de enfrentar o ensino remoto no contexto de uma grave crise sanitária, num cenário de instabilidade, pressão e medo, essa mesma relação se abstrai sem o encontro presencial entre professor e aluno, tornando-se superficial, como se a escola parasse de existir por algum tempo. Futuramente, veremos de que forma os efeitos pós-pandemia irão impactar na visão dos estudantes sobre o papel da escola e do conhecimento em suas vidas, e se haverá mudanças significativas no sentido da ação e do amadurecimento para atingir seus objetivos.

No dia 05 de março de 2021, às 17h, no bairro Santa Casa, encontrei-me com o aluno Pedro, de 17 anos, em situação de evasão durante a pandemia no ano de 2020. O aluno destacou como principal dificuldade que sua família está enfrentando uma falta de trabalho, o que decorre uma difícil situação financeira a qual tem afetado a sobrevivência da família. Criado pela avó e avô já aposentados, a família não recebeu o auxílio emergencial. O aluno ficou impossibilitado de acompanhar as aulas on-line por não ter internet em casa e por ter perdido o celular. Quando Pedro adquiriu um novo aparelho, em maio de 2020, não conseguiu mais entrar em contato com a escola, pois estava fechada devido ao isolamento social. Pedro afirma ter perdido todos os contatos do celular antigo, ficando sem comunicação com o universo escolar. Em outubro de 2020, em meio à flexibilização do isolamento social, o aluno retornou à escola, conseguiu ter acesso às apostilas, mas não conseguia entender os conteúdos por não ter participado das aulas on-line, motivo pelo qual decidiu não concluir o ano letivo. Pedro trabalhou em um mercantil até dezembro de 2020. No momento atual, não está mais trabalhando. Segundo ele, o ensino remoto não é bom, porque nem todos conseguem assistir às aulas on-line, apesar de ter gostado das poucas que assistiu. Segundo ele, o celular o fazia perder o foco e acabava sem entender a explicação do professor. Contudo, Pedro destaca a sua visão sobre a importância da escola e do conhecimento que ela proporciona, associando os estudos à superação das dificuldades da vida, sobretudo no tocante à obtenção de condições materiais para tornar a vida possível: “a escola é a base de tudo, porque sem conhecimento a gente não vai a lugar nenhum. Hoje está ruim pra quem tem estudo, imagina pra quem não tem”.

Pedro entrou em atrito familiar com seus avós por ter perdido o ano letivo de 2020 e decidiu que voltaria a estudar somente depois de atingir a maioridade (18 anos), em meados de 2021. Segundo o jovem, dessa maneira, ele mesmo resolve suas “coisas”. Para ele, não adiantava passar para a série seguinte (3ºano) sem saber dos conteúdos e correr o risco de repetir o último ano do ensino médio. O avô se intrometeu na conversa, dizendo que Pedro não os obedecia e que havia dado muitos conselhos para o neto estudar.

A partir da vida de Pedro, percebe-se as tensões entre os seus avós – seus responsáveis – e o jovem, pensamentos que se confrontam sobre o estar ou não na escola e prosseguir nos estudos no contexto pandêmico. Esse fato captado pela pesquisa leva à reflexão sobre as transformações culturais que implicam em

mais autonomia a jovens e adolescentes, em que a figura dos pais é questionada e, por vezes, até ignorada por parte deles. Sentir-se livre das limitações – livre para agir conforme os desejos – significa atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir: sentimo-nos livres na medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem uma e nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir (BAUMAN, 2001). É nessa perspectiva de uma época moderna – em que quase tudo é efêmero, a partir de um simulacro ou ideal de liberdade sem limites – que os jovens e adolescentes estão inseridos. O arsenal de informações e a aculturação mediante o processo de globalização em curso causam uma fluidez e uma maior maleabilidade dos jovens nas instituições a que pertencem.

Partindo desse pressuposto, é necessário que se compreenda o universo de jovens e adolescentes, às margens do preconceito e da estigmatização, tratando-os com respeito e contribuindo para a construção de seu papel na sociedade.

O estereótipo do adolescente rebelde, que, sem “justa causa”, atinge a todos ao seu redor, pode ser um fenômeno produzido pela própria cultura egocêntrica do capitalismo, e vem se repetindo no seio da sociedade moderna há anos, com uma autonomia precoce, sem o menor amadurecimento para os anseios que essa mesma sociedade produz. Estaria a escola preparada para tantos desafios? A partir dessa discussão, faz-se mister afirmar a importância de mergulhar na subjetividade dos sujeitos pesquisados, a fim de compreendê-los mais profundamente.

No percurso da pesquisa e nos caminhos percorridos pelos bairros, consegui entrevistar dois ex-alunos que evadiram dos bancos escolares antes da pandemia. Vale salientar que a inserção das entrevistas fora do eixo temático proposto pela pesquisa (evasão escolar em contexto pandêmico) se deve à demonstração de como os problemas originários pelas desigualdades existentes já afetavam antes da pandemia a vida de determinados estudantes.

Feito esse esclarecimento, a próxima entrevista a ser destacada é a da ex-aluna Cristina, 20 anos, entrevistada no dia 05 de março de 2021, a partir das 17h30, no bairro da Santa Casa. Cristina narrou sua situação em relação à continuidade dos estudos. De acordo com a entrevistada, deixou de estudar no ano de 2018, quando cursava o 2º ano do ensino médio na Dr. João Ribeiro Ramos. Conforme a jovem, as principais razões para deixar a escola foram o desinteresse e

um emprego de 8 horas diárias que havia conseguido na época. Como sentiu dificuldades em conciliar estudo e trabalho, resolveu parar de estudar. A ex-aluna estava trabalhando em uma transportadora, e hoje se encontra em situação de desemprego. Cristina relata que pretende voltar aos bancos escolares depois de passar a pandemia. Como ocorreu nas entrevistas anteriormente trazidas à análise, Cristina também valoriza os estudos escolares, associando-os à possibilidade de inserção no mercado de trabalho, podendo levar, inclusive, a um “emprego bom”. Nas palavras de Cristina “o estudo representa uma coisa melhor, um emprego bom, porque agora só tem emprego quem estuda mesmo”.

Cristina está casada, tem um filho de 2 meses e mora com os sogros. Dentre os sete membros da família, apenas três receberam o auxílio emergencial do governo federal, o que contribuiu muito com as despesas da casa.

Em tempos de pandemia, o quadro se torna mais agravante e delicado pelo aumento do desemprego no Brasil, afetando as condições de vida das famílias, como ocorreu com vários dos jovens da EEM Dr. João Ribeiro Ramos.

Após a entrevista com Cristina, na mesma data, iniciei a entrevista com seu esposo João, de 22 anos. Segundo o ex-aluno, parou de estudar em 2018, quando cursava o 1º ano do ensino médio na EEM Professor Arruda. Uma das escolas regulares da rede estadual em Sobral. Assim, diferente dos outros alunos entrevistados, João não estudava na escola que ancora empiricamente a pesquisa. O ex-aluno relata que, por indisciplina e mal comportamento, foi expulso da escola, o fato ocorrido o influenciou na desistência.

Depois de ser expulso da escola, ele começou a trabalhar numa lanchonete, onde fora atingido com uma bala “endereçada” para o colega que estava ao seu lado, mas João acabou sendo a vítima, sendo submetido a uma cirurgia no intestino. Assim como Cristina, ele também pretende retornar aos bancos escolares após a pandemia, pois intenciona terminar o ensino médio e fazer cursos profissionalizantes. Em situação de desemprego, o ex-aluno está no mercado informal, vendendo milho e torresmo na calçada de sua residência, e recebeu o auxílio emergencial que custeou as despesas com o filho. Para João, a escola é muito importante e se relaciona com a possibilidade de conseguir um emprego e de ingressar em um curso superior. Segundo ele:

A escola representa muita coisa, tem muito aprendizado, quando a gente termina fica até melhor de arrumar emprego, fica muito mais fácil pra quem tem o ensino completo. Tenho projeto de entrar na faculdade, se eu tivesse

o estudo terminado, eu queria fazer engenharia civil, acho muito legal quem trabalha com a engenharia civil.

A partir das entrevistas, podemos analisar os contextos socioeconômicos e culturais nos quais os jovens estão inseridos. Pertencentes às famílias da classe E²⁰, nas quais a renda familiar varia entre R\$300,00 e R\$1.500,00, os jovens, sujeitos desta investigação, vivem basicamente a mesma realidade construída a partir da desigualdade socioeconômica e estrutural existente no Brasil, do global ao local e do local ao global. Manifestam-se, dentro do contexto pandêmico, microrrealidades pré-existent, as quais, diante do caos, se agravam, se intensificam. Nesse sentido, o não acompanhamento do aluno nas aulas on-line pode ter motivos específicos, além dos gerais, como foi demonstrado nas entrevistas; além disso, a maioria dos obstáculos ou mesmo a sua totalidade podem ser reflexo das profundas desigualdades seculares de nosso país. Na estrutura social – na qual estão ligadas as fundações sócio-históricas e culturais do Brasil, bem como, o capitalismo moderno – o fenômeno da evasão escolar na pandemia de COVID-19 é a consequência de um processo anterior, no qual as mazelas do sistema capitalista adentram em todos os níveis, tornando as inúmeras vidas de jovens e adolescentes das periferias muito mais difíceis, com as mínimas ou mesmo sem as condições econômicas para se manter estudando adequadamente diante do grande desafio de enfrentar uma crise sanitária mundial.

Partindo do pressuposto que se trata de uma intervenção pedagógica, as entrevistas coletadas no campo foram apresentadas e problematizadas para os alunos na modalidade do ensino remoto, objetivando despertar a imaginação sociológica e, simultaneamente, a desnaturalização e o estranhamento sobre o fenômeno da evasão escolar em contexto pandêmico, tema central do trabalho. A aplicabilidade da pesquisa empírica dentro da sala de aula será abordada no capítulo seguinte.

²⁰ Segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as classes sociais são divididas em 5 categorias. Todas consideram a renda familiar mensal. São elas: Classe A (quem ganha mais de 20 salários mínimos); Classe B (de 10 a 20 salários mínimos); Classe C (de 4 a 10 salários mínimos); Classe D (de 2 a 4 salários mínimos); Classe E (recebe até 2 salários mínimos). Disponível em: <https://invest.exame.com/invest/quiz-qual-sua-verdadeira-classe-social>. Acesso em: 13 jan. 2022.

4 A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: DA DESNATURALIZAÇÃO AO ESTRANHAMENTO, UM EXERCÍCIO DE IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Em contexto pandêmico, começo essa descrição conceituando e analisando os propósitos de uma intervenção pedagógica para o ensino de Sociologia na escola, por meio do ensino remoto com a adoção de aulas ministradas pela plataforma de videochamada *Google Meet*.

Defino a intervenção pedagógica, considerando a minha experiência profissional, como uma prática propiciadora do processo de ensino-aprendizagem, realizada com a consideração dos pontos de vista e das dificuldades dos estudantes em compreender os conteúdos em confronto com a realidade a ser abordada. Nesse sentido, propus uma intervenção voltada para o entendimento sociológico da evasão escolar em contexto pandêmico, abordando os seguintes conceitos-chave: *imaginação sociológica* (MILLS, 1965), *estranhamento* e *desnaturalização* dos fenômenos sociais (BRASIL, 2006). Com base na pesquisa desenvolvida, a evasão escolar foi abordada nas aulas de Sociologia no ensino médio com aporte dos conceitos-chave anteriormente destacados.

Uma questão que levantei acerca da intervenção pedagógica foi a da sua aplicação no ensino remoto em tempos de pandemia da COVID-19. Como fazer uma intervenção pedagógica que seja bem-sucedida em aulas remotas de Sociologia, considerando os pontos de vista e as dificuldades enfrentadas pelos estudantes? Tem-se lançado muitos questionamentos sobre o ensino remoto, especialmente em relação à aprendizagem, sobretudo considerando a não inclusão digital²¹, já discutida no capítulo 2 deste trabalho, e o despreparo das famílias para o momento, em especial no tocante às aulas remotas no ensino público. Como paliativo, essa alternativa não tem dado bons resultados, tornando-se tema de debate nos meios

²¹ No modelo proposto, em 2007, falávamos de dois tipos de inclusão: a espontânea e a induzida. A inclusão espontânea é uma inserção compulsória dos indivíduos na sociedade da informação. Nas metrópoles contemporâneas, eles são obrigados a aprender e a lidar com sistemas informatizados de diversos tipos. O uso de cartões eletrônicos de débito e crédito, de smart cards em ônibus, a operação em máquinas bancárias, o envio de imposto de renda pela internet, a votação eletrônica em eleições, o acesso eletrônico a exames laboratoriais, o check-in pela internet para as viagens de avião, o uso de SMS e outros serviços via telefone celular, entre outros, são alguns exemplos bem conhecidos por nós brasileiros. Já a inclusão induzida é aquela que é fruto de um trabalho educativo e de políticas públicas que visam a dar oportunidades a uma grande parcela da população excluída do uso e dos benefícios da sociedade da informação. É o que conhecemos por projetos de inclusão digital (BONILLA; PRETTO, 2011).

acadêmicos, nos sistemas de ensino, nas escolas e em outros setores da sociedade.

Com atenção a esse cenário, a intervenção pedagógica realizada no ensino remoto também contemplou as dificuldades no ato de sua aplicabilidade. Compreendendo sua realização em um ambiente virtual, muitas vezes tendo o estudante o telefone celular como único recurso, o ensino remoto impõe grande limitação ao encontro entre aluno, turma e professor para a produção do processo de ensino-aprendizagem. Se outrora as dificuldades já existiam de maneira profunda, quiçá em tempos de crise sanitária mundial, em que os mais atingidos pela ampliação das desigualdades sociais são os mais carentes, cujos filhos pertencem à realidade da escola pública brasileira.

Assiste-se também, como destacado anteriormente, à presença do capital privado com suas plataformas digitais (*Google Meet, Google Classroom, Zoom* etc.), capitaneando o processo educacional, de responsabilidade essencial do setor público, tendo o Estado como seu principal representante. Segundo Castells (1999), o que deve ser guardado para o entendimento da relação entre a tecnologia e a sociedade é que o papel do Estado – seja interrompendo, seja promovendo, seja liderando a inovação tecnológica – é um fator decisivo no processo geral, à medida que expressa e organiza as forças sociais dominantes em um espaço e uma época determinados. O autor prossegue afirmando que:

Não é diferente no caso da revolução tecnológica atual. Ela originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional (CASTELLS, 1999, p. 50).

De acordo com a afirmação de Castells, sendo a revolução tecnológica um fenômeno produzido pelo capitalismo global, essa mesma revolução não contempla a todos da mesma forma, compreendendo-se o seu envolvimento com as desigualdades sociais produzidas pelas contradições do próprio sistema capitalista. Nos países de capitalismo periférico, onde as desigualdades são mais acentuadas, em tempos de pandemia, esse fator reflete nas condições das famílias de classes D e E, em não conseguir manter os filhos no ensino remoto. Pela minha atuação como

professora dos jovens do ensino médio na escola-campo, vejo que falta adequação, recursos tecnológicos e empatia por parte dos estudantes com o ensino remoto.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), a Sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer aos estudantes, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das mais diversas pesquisas que acabam funcionando como “janelas” a partir das quais se pode olhar para o mundo na ultrapassagem no senso comum. Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. Há uma tendência sempre recorrente a se explicar as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política etc. com argumentos naturalizadores. Primeiro, perde-se de vista a historicidade desses fenômenos, isto é, o processo que nos mostra que não são naturais, mas sim construções sócio-históricas e culturais. Portanto, nem sempre existiram e nem sempre foram da forma que são; segundo, que certas mudanças ou continuidades históricas decorrem de decisões, e essas, de interesses, ou seja, de razões objetivas e humanas, não sendo fruto de tendências naturais. Portanto, não são naturais, razão pela qual poderão ser modificadas pelas ações dos agentes sociais.

Outro papel que a Sociologia realiza, mas não exclusivamente ela – e que está ligado aos objetivos da Filosofia e das Ciências Humanas ou Naturais –, é o estranhamento. No caso da Sociologia, está em causa observar que os fenômenos sociais que rodeiam a todos e dos quais os agentes sociais participam não são de imediato conhecidos, pois aparecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais, sem necessidade de explicação, aos quais se está acostumado e que, na verdade, nem são vistos. Dentro desse aspecto, situa-se o olhar da professora-pesquisadora, que, com o afastamento de sua prática, observa o cotidiano da vida escolar, num exercício de *desnaturalização* e *estranhamento*, objetivando compreender os fenômenos sociais escolares, como a evasão escolar, objeto de estudo em questão, estimulando a *imaginação sociológica*.

Para Mills (1965, p. 11), a *imaginação sociológica* capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para vida íntima e para carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem

frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna e, dentro dessa estrutura, são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. A partir disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos, e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas. Sob esse entendimento, a escola, como organismo vivo da vida moderna, torna-se uma “célula” carregada de angústias, sentimentos e crises de todos os tipos, em que as personagens desse cenário social devem ser observadas e compreendidas, por meio de suas realidades existentes na sociedade de classes. Segundo Mills (1965):

Não é apenas de informação que precisam - nesta idade do fato, a informação lhes domina com frequência a atenção e esmaga a capacidade de assimilá-la. Não é apenas da habilidade da razão que precisam – embora sua luta para conquistá-la com frequência lhes esgote a limitada energia moral. O que precisam, e o que sentem precisar, é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos. É essa qualidade, afirmo, que jornalistas e professores, artistas e público, cientistas e editores estão começando a esperar daquilo que podemos chamar de imaginação sociológica (MILLS, 1965, p. 11).

Temos o papel da imaginação sociológica como um espírito da compreensão racional dos fenômenos e dos agentes sociais em relação a sua própria existência e do mundo ao seu redor. Nesse aspecto, e em contexto pandêmico, sendo a escola uma instituição social fragilizada, extremamente afetada pelo momento atual, faz-se mister compreender os fenômenos escolares dentro dessa perspectiva. Com todos os obstáculos já abordados, coube, como tarefa da professora-pesquisadora, utilizar o conceito de imaginação sociológica nas aulas on-line, estimulando a compreensão e a reflexão dos estudantes acerca de suas próprias existências e as de seus pares, oportunizando a tradução de problemas individuais em questões sociais e de interesse público, o que, na prática, foi realizado a partir da pesquisa sobre a evasão escolar em contexto pandêmico.

Para isso, elaborei, em torno dos estudos sobre a evasão escolar na pandemia, tema propositadamente escolhido, o projeto de intervenção pedagógica intitulado *Olhar Sociológico*, a partir do qual, levei para a sala de aula on-line, debates e reflexões por meio da pesquisa.

4.1 Relatos da experiência de intervenção pedagógica no ensino de Sociologia no ambiente virtual

O projeto *Olhar Sociológico*, com o tema *Diálogos sobre a evasão escolar na pandemia da COVID-19: desigualdades sociais e o ensino remoto*, foi realizado nas turmas do ensino médio da EEM Dr. João Ribeiro Ramos, por meio de uma sequência didática, inicialmente nos 1º anos, com 18 alunos, nos dias 26 e 27/04, e nas turmas de 2º anos, com 9 alunos, no dia 13/05, nas quais leciono no turno da tarde, totalizando 27 alunos. O baixo número de alunos se deve à falta de adesão por parte da maioria dos discentes da escola-campo ao ensino remoto.

O projeto foi executado a partir da plataforma *Google Meet*, com o objetivo de estimular a desnaturalização e o estranhamento dos fenômenos sociais para que os estudantes desenvolvessem a imaginação sociológica. Com esse objetivo, foram feitas apresentações com 24 slides (Apêndice B), contendo dados sobre a evasão na pandemia coletados durante a pesquisa e as entrevistas qualitativas semiestruturadas realizadas com os jovens em situação de evasão escolar no contexto de pandemia, os quais não deram continuidade às atividades escolares pelo ensino remoto.

Segundo Velho (1978, p. 123), uma das mais tradicionais premissas das Ciências Sociais é a necessidade de uma distância mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador faça o esforço de ver com olhos imparciais a realidade sobre a qual quer conhecer pelas lentes das Ciências Sociais, evitando envolvimento que possam obscurecer ou nebulizar as suas interpretações e compreensões sobre o fenômeno observado. Uma das possíveis decorrências desse raciocínio seria a valorização de métodos quantitativos, os quais seriam, "por natureza", mais neutros e científicos, mas nem eles escapam da falta de uma posição analítica que lance mão do estranhamento daquilo que é óbvio e familiar.

Partindo do pressuposto de Velho (1978), a grande questão norteadora do projeto de intervenção pedagógica executado foi trazer ao entendimento dos jovens do ensino médio esse distanciamento do cientista social para a elaboração de um olhar sociológico, tendo como ponto de partida para as suas reflexões o estranhamento e a desnaturalização para o desenvolvimento da imaginação

sociológica, numa linguagem compreensível, mediada pela transposição didática²², a partir da qual a linguagem científica se aproxima de uma linguagem didática destinada aos jovens, objetivando um maior entendimento.

Dada a complexidade do tema, elaborei os slides de apresentação, a partir de uma reflexão acerca do porquê de a nomeação do projeto ser *Olhar Sociológico*, abordando o estranhamento e a desnaturalização como premissas para o exercício do “olhar” do sociólogo e de todos/as que quiserem compreender o mundo social com a Sociologia, convidando os estudantes à reflexão sobre esse exercício, e, a partir dele, demonstrando como operam os mecanismos da vida social.

Todas as aulas da intervenção pedagógica foram gravadas. Para a introdução do tema em debate, trabalhei com a música *Tamo junto (Não desista)*, dos cantores Lexa e Carlinhos Brown. Escolhi essa música como uma mensagem de estímulo e incentivo para com os estudos, como a própria letra aborda.

Na sequência, abordei o sistema de estratificação social da sociedade capitalista e o relacionamento com as desigualdades sociais, na tentativa de tornar mais claro o envolvimento das desigualdades sociais com a evasão escolar em contexto pandêmico. Conceitos sociológicos como *estrutura social*, *estratificação social*, *hierarquia social*, *mobilidade social* e *desigualdade social* foram trabalhados na exposição do tema, trazendo uma maior explanação para os alunos sobre como funciona a sociedade de classes e de como ela produz e reproduz as desigualdades socioeconômicas. A pirâmide de estratificação social também foi demonstrada e discutida com as turmas. Os conteúdos trabalhados tomaram por base o capítulo 10 do livro didático adotado pela escola, “Sociologia em Movimento”, objetivando tornar mais fácil a compreensão do aluno acerca do assunto.

Dando continuidade à explanação, para conduzir os alunos à reflexão e ao desenvolvimento de sua imaginação sociológica, comecei a explorar o tema com a seguinte pergunta: **o que as desigualdades sociais têm a ver com evasão escolar?** A partir daí, comecei expondo o conceito de evasão, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 1998).

²² Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O ‘trabalho’ que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática” (CHEVALLARD, 1991, p. 39).

Dados coletados na pesquisa sobre evasão, mencionados no capítulo 02, foram demonstrados por meio dos slides, como o relatório de desenvolvimento, divulgado em 2012, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), apontando o Brasil como a terceira maior taxa de evasão escolar entre 100 países que possuem o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha sobre dados da evasão de 2020 também foi discutida com as turmas, apontando alunos das classes D e E com uma maior taxa de evasão no país, 10,6%, durante a pandemia.

As doenças de ordem psíquica que afetam a saúde física e mental dos estudantes durante o distanciamento social, como ansiedade, estresse e depressão, citadas no capítulo 02, também foram abordadas durante a intervenção pedagógica no ambiente virtual.

Atentos, os alunos puderam compreender não só a gravidade do momento atual, mas como são afetados, além de seus pares, situados dentro do mesmo contexto sociocultural e econômico, embora de microrrealidades diferentes.

Na sequência da explanação pelo ambiente virtual, a busca ativa lançada em 2020, como uma iniciativa para resgatar alunos durante a pandemia, foi discutida com as turmas, como também a distribuição das apostilas (material impresso dos conteúdos) para os alunos fora do ensino remoto com a finalidade de diminuir os índices de evasão escolar. Também foi mencionado o dado da distribuição de cestas básicas para as famílias dos matriculados e o auxílio de oitenta reais para os estudantes.

Os dados mais relevantes da pesquisa foram trabalhados na intervenção pedagógica, buscando a compreensão dos estudantes acerca da gravidade da situação na qual estamos todos inseridos.

Como aproximação da linguagem do jovem, memes e charges foram utilizadas para despertar o interesse e a atenção pelo tema. Com um colorido divertido e com muita criatividade, os alunos se divertem quando temas densos são retratados a partir de imagens humorísticas e, ao mesmo tempo, com criticidade e questionamentos, levando-os a refletir sobre o assunto em questão.

A pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2019), atuando sob os auspícios da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), foi apresentada aos alunos no intuito de demonstrar dados

sobre o acesso à internet das classes menos favorecidas, fator de impedimento da permanência do aluno no ensino remoto, podendo levar à evasão escolar.

Na segunda etapa da intervenção, apresentei os relatos das entrevistas presenciais feitas com os alunos. Escolhi três entrevistas para compartilhar, com as turmas, esse momento crucial da pesquisa. As entrevistas feitas com Antônio, Ana, e Maria foram postas em leitura e discussão no ambiente virtual. Foi o momento da intervenção que mais despertou a atenção e o interesse dos alunos, por se tratar de algo muito próximo da realidade da qual fazem parte, o cotidiano produzido pelos atores sociais do bairro.

Perguntas e questionamentos foram surgindo quando levantei dados importantes extraídos das entrevistas, como os motivos que os levaram a desistir, a situação econômica das famílias dos alunos entrevistados, retratando o relacionamento com as desigualdades sociais e o envolvimento com as facções criminosas.

Das três entrevistas escolhidas, também expus o ponto de vista dos jovens entrevistados sobre a valorização da escola, haja vista que todos enfatizaram a importância da escola e dos estudos em suas vidas – no entanto, circunstâncias sociais (que aparentam ser de ordem absolutamente pessoais) os levam a desistir da escola.

Importante salientar que, além de pertencerem às classes D e E, a própria dinâmica do ensino remoto emergencial não os atrai. Em algumas entrevistas, foi destacada, por alguns dos entrevistados, a dificuldade de concentração e aprendizado nas aulas on-line.

Por fim, para trabalhar a imaginação sociológica, apresentei às turmas o blog Compreendendo a Sociologia²³ e pedi para que elaborassem um trabalho de escrita, charges e memes para publicação no blog.

Para Mills (1965), o estudante, como um intelectual, deve aprender a usar a experiência de sua vida no seu trabalho continuamente. Nesse sentido, o artesanato é o centro de si mesmo, e o estudante está pessoalmente envolvido em todo o produto intelectual de que se ocupe. Dizer que pode "ter experiência" significa que seu passado influi e afeta o presente, e que define a sua capacidade de experiência futura. Pensando com as Ciências Sociais, ele terá de controlar essa

²³ Disponível em: <http://compreendendoasociologia.blogspot.com>. Acesso em: 27 abr. 2021.

interinfluência bastante complexa, saber o que experimenta e isolá-lo; somente dessa forma, pode esperar usá-la como guia e prova de suas reflexões, e no processo intelectual artesanal se modelará como artesão intelectual. No entanto, como fazer isso? Uma resposta possível é: deve-se organizar um arquivo, o que suponho ser a forma do sociólogo dizer: mantenha um diário. Muitos escritores criadores mantêm diários; a necessidade de reflexão sistemática exige que o sociólogo assim o mantenha, o que pode ser estendido aos estudantes.

De acordo com o pensamento do autor, e fazendo uma interface com a Sociologia no ensino médio, de forma didática e adequada à compreensão do estudante, pode-se desenvolver atividades que levem à reflexão, à criticidade, à criatividade e à capacidade de argumentação do aluno. Isso pode ocorrer por meio da escrita e da observação sobre determinado fenômeno social, como o tema em debate – a evasão escolar em contexto pandêmico.

Obviamente, na *Sociologia escolar*, trabalhamos no sentido de o educando ter apenas uma noção básica da ciência sociológica, com uma grade curricular bem elaborada, abordando conceitos, teorias e temas (BRASIL, 2006).

Na atividade proposta para o blog, foi solicitada aos alunos a elaboração de um relato sobre a experiência de vida deles no contexto atual e no ensino remoto, um comentário sobre o relacionamento das desigualdades sociais com a evasão escolar, a opinião deles sobre o aprendizado no ensino remoto, e, por fim, foi sugerida a criação de charges e memes.

De uma maneira geral, dificuldades de todas as ordens foram apresentadas pelos alunos por meio de seus relatos, especialmente em relação ao ensino remoto. Segundo os estudantes, é muito difícil estudar no ambiente virtual, embora estejam no “conforto” de casa. Ainda de acordo com eles, os principais problemas enfrentados com essa alternativa de ensino são a dificuldade de aprendizado e concentração, a internet ruim, o fato de não possuírem computador e terem de acompanhar as aulas pelo celular. Além disso, sentem falta das sociabilidades escolares, de estar em contato direto com professores e colegas, o que torna o processo mais desmotivador. Dos 27 alunos que participaram do projeto de intervenção pedagógica, apenas dois sinalizaram positivamente para o ensino remoto. Seguem algumas falas coletadas a partir da atividade sobre o ensino remoto na pandemia.

Foi, e é estressante ao limite, pular de uma ponte seria melhor do que ficar de 4 a 5 horas escutando algo que não tem como aprender, e ser bombardeado de dever a cada 5 segundos. (Francisco, 15 anos, 1º ano).

Minha vida normal é bem cansativa, estressante, tem às vezes que tô de mal humor, mas é a vida. Minha vida no ensino remoto até que é relaxante, compreensível, não dá pra aprender muito, mas até que tá indo bem. Mas, se não fosse a pandemia estaria tudo maravilhoso. Essa é a minha vida, minha experiência, é o que eu acho (Márcia, 15 anos, 1º ano).

Essa fase não tá legal, tá sendo complicado até porque não é todo dia que estou disposta, tem dias que a internet não colabora, tem dias que a ansiedade não me permite em ligar o celular. Quando estou doente é zero coragem de pegar no caderno pra fazer as atividades, acabo me atrasando, mas sempre tento, persisto, insisto, porque o que me resta é esperança que tudo vai ficar bem e logo vamos estar juntos e presentes novamente (Lara, 16 anos, 2ºano).

Em relação à evasão escolar na pandemia, a maioria dos alunos apontou a falta de celular e internet como principal fator de impedimento ao acesso às aulas, levando à evasão ou ao não acompanhamento das aulas on-line. Outros apontaram a falta de acompanhamento da família como fator de evasão na pandemia, destacando a necessidade de uma comunicação estruturada com o adolescente. Isso demonstra o despreparo das famílias em todos os níveis, seja na instrução, nas condições econômicas, no emocional e afetivo para lidar com os desafios que o contexto atual impôs, além da falta de estrutura e formação generalizada entre o sistema de ensino estadual, a escola e os professores. Sobre esses aspectos, uma estudante do 2º ano complementa:

Primeiramente, a estrutura das escolas públicas e privadas estão sendo em forma remota. Apesar das dificuldades enfrentadas no momento atual, há muitas desigualdades sociais. Algumas pessoas ainda têm a imaginação de que da maneira que está, somente os alunos que estão em escolas privadas tem possibilidade de se formar e ter um bom futuro em relação ao que quer fazer. Mas, assim como eles têm essa possibilidade, todos têm, aliás todos tem potencial (Clara, 16 anos, 2ºano).

Observa-se, a partir do discurso de Clara, uma ruptura com o senso comum em relação à descrença, ao descrédito com o aluno da escola pública, que eles mesmos alimentam sobre si, absorvendo a ideia da incapacidade de superar seus próprios limites. Ajudá-los a transcender os preconceitos que os imobilizam é também um exercício de imaginação sociológica, a partir da reflexão de sua própria realidade.

De acordo com os relatos disponibilizados na plataforma *Google Classroom*, no total de 13 atividades, no que tange ao enfrentamento da crise sanitária, os filhos das classes menos favorecidas da escola pública, nossos/as

alunos/as, sentiram-se extremamente afetados e perdidos, mediante toda a situação, e tiveram dificuldades específicas e estruturais em se adaptar ao ensino remoto emergencial. Desse modo, Silva, Silva e Cunha (2020) apontam para outros aspectos consideráveis do ensino remoto:

(...) é importante destacar as limitações do ensino remoto. A primeira é didática conforme os dados supracitados. Há também uma de natureza pedagógica e consiste na dinâmica imposta à professores e alunos nesse novo modelo. Ainda que para uma minoria do ensino público e boa parte do ensino privado esteja acontecendo alguma interação síncrona, por meio das mediações audiovisuais em plataformas de webconferência, para a grande maioria há menos interação e mais delegação de muitas tarefas, aulas expositivas, quase sempre gravadas e, portanto, não dialogadas, contemplando frações do currículo como já salientamos (SILVA; SILVA; CUNHA, 2020, p. 34).

Nesse sentido, no contexto pandêmico, não há como discutir a evasão escolar sem a abordagem sobre o ensino remoto, pois um fenômeno poderá levar ao outro. Muitos estudantes não tiveram empatia pelas aulas síncronas ou gravadas e optaram pelo material impresso ou acabaram evadindo durante a pandemia por causas já citadas neste trabalho. O novo formato de aula não agradou e não conseguiu uma adesão bem-sucedida dos alunos não só da EEM Dr. João Ribeiro Ramos, mas de outras escolas do ensino médio de Sobral.

O projeto de intervenção pedagógica foi encerrado com a publicação dos relatos dos estudantes no blog Compreendendo a Sociologia, enriquecendo e atualizando esse canal feito para eles, no intuito de compartilhar informações e conteúdos de Sociologia, agora norteados por meio da apresentação da pesquisa sobre a evasão escolar, no ano de 2020, com os dados empíricos oriundos de entrevistas, documentos institucionais e pesquisas realizadas por outras/os pesquisadoras/es e por outras instituições.

4.2 Análise do projeto de intervenção pedagógica desenvolvido a partir do ensino remoto emergencial

No exercício de estranhar o familiar e ao mesmo tempo despertar a imaginação sociológica de adolescentes, uma intervenção pedagógica elaborada por meio do ambiente virtual, evidentemente, é somente o início de um processo para uma compreensão mais aprofundada sobre o fazer sociológico a partir do ensino médio. Pode-se concluir que, na ausência do encontro entre alunos e professora, há

uma maior dificuldade, pedagogicamente falando, em se fazer uma leitura mais fiel do processo de desenvolvimento da imaginação sociológica dos educandos, e, assim, avaliar mais precisamente os resultados da ação.

Contudo, a intervenção pedagógica foi um momento oportuno de interação, embora limitada, com as turmas, pois os estudantes puderam, ao final, expressar as angústias do distanciamento social escolar e os problemas enfrentados por suas famílias, como a falta de gêneros alimentícios e trabalho, consequência das impactantes desigualdades sociais existentes no Brasil.

Nesse sentido, em tempos de crise sanitária mundial, a escola carrega uma responsabilidade ainda maior, qual seja: manter seus alunos devidamente matriculados, frequentando o ensino remoto e/ou garantindo a distribuição do material impresso para os alunos excluídos do ensino remoto, contendo os índices de evasão. Diante de um fenômeno intrínseco à escola, para a superação da cultura da culpabilização dessa organização social, é preciso pôr em prática a difícil tarefa da desmitificação da formação de um indivíduo-robô, como se o educando não fosse capaz de elaborar uma visão de mundo, abstrair valores e significados de seu meio social, sem falar nas circunstâncias sociais que se impõem às vidas dos jovens para além da escola.

A análise do projeto de intervenção pedagógica traz em seu bojo as dificuldades do ensino remoto, do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que não se tem uma clara noção do quanto os estudantes foram realmente impactados com a realidade vivenciada em tempos difíceis, apresentada e discutida com o uso de slides.

De acordo com Silva, Silva e Cunha (2020, p. 28), os indicadores apresentados corroboram a ideia de que o ensino remoto, mediado por tecnologia digital, nessa situação de pandemia, é um arranjo circunstancial de emergência, longe de atender às demandas de uma proposta educacional que garanta o acesso, permanência e possibilidades satisfatórias de aprendizagem. Por isso, falamos em agravamento da qualidade do ensino, conforme o que estabelece a LDB, a Constituição Federal e o CNE, por meio do Parecer nº 5/2020: o ensino deve ser ministrado com garantia de padrão de qualidade, visando ao pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania, o que ficou ainda mais distante de se concretizar em tempos de ensino remoto emergencial.

Em consonância com Silva, Silva e Cunha (2020), o ensino remoto compromete, em amplo sentido, o processo de ensino-aprendizagem e, em muitas escolas, não conseguiu atingir ou atrair uma participação considerável relativa ao número de alunos durante a pandemia. Os autores prosseguem, em seu arrazoado sobre o ensino remoto na pandemia, apontando problemas como o não atendimento das expectativas de ensino e aprendizagem de alunos e professores, o desgaste com o trabalho remoto e a precarização do ensino. Vejamos:

Não obstante as contingências serem também as responsáveis por impor esses limites, o que é compreensível e até esperado, esse contexto não justifica a crença nesse ensino remoto como alternativa capaz de contemplar alunos e professores em suas expectativas de ensino e aprendizagem. Longe disso, há um desgaste diante do enorme emprego de tempo e energia que a novidade exige, vislumbrando, assim, resultados menos expressivos que a modalidade presencial e, até mesmo, a precarização do ensino (SILVA; SILVA; CUNHA, 2020, p. 34).

Em meio a essa difícil realidade vivenciada por todos e todas, o projeto proporcionou aos educandos a identificação, a reflexão e a compreensão das diferentes situações em que os alunos deixaram de frequentar a escola, especialmente em seu formato remoto, o que caracteriza uma evasão escolar em contexto pandêmico, mostrando, a partir de dados empíricos, isto é, por meio de entrevistas, as condições objetivas e subjetivas dos sujeitos envolvidos no processo, a exemplo da falta de empatia relacionada às aulas on-line acompanhadas pelo celular ou da falta do aparelho. Essa falta do recurso tecnológico foi uma outra limitação sofrida por um profundo envolvimento com as desigualdades sociais, na ausência de acesso aos bens de consumo, causando a exclusão digital de milhares de jovens da escola média pública nessa modalidade de ensino.

De acordo com Jesus e Dayrell (2016), apesar de todos os avanços sociais alcançados pela sociedade brasileira nos últimos anos, a questão da renda ainda permanece um forte fator de desigualdade social, que se explicita na exclusão escolar dos jovens. Um exemplo são as estatísticas dos jovens de 15 a 17 anos que se encontram fora da escola. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2011), os jovens adolescentes de famílias com renda familiar per capita mais baixa (primeiro quintil de renda), que não frequentavam a escola, eram 508.547 (18,2%). Já os de famílias que se encontravam nos extratos mais altos (quinto quintil de renda) somavam 92.796 (8,3%). Evidentemente que, se considerarmos o crescente processo de precarização das condições de vida das

classes populares e até mesmo de grande parte da classe média, no Brasil de 2021, teremos um quadro que tem se tornado mais dramático com índices elevados de desemprego, elevação de empregos precários e subempregos, alta inflacionária e recessão. E tudo isso em contexto pandêmico.

Sem olvidar esse cenário preocupante, as consequências trazidas pela implantação do ensino remoto emergencial nas escolas públicas do Brasil estão sendo drasticamente mal avaliadas no que tange à participação do corpo discente e à formação do professor na viabilização do processo de ensino no ambiente virtual.

Dentro desse contexto, destaco a relação do ensino remoto com a evasão escolar durante a pandemia, cuja forma teórica é o que chamo de evasão escolar em contexto pandêmico. Para Silva, Silva e Cunha (2020, p. 36), ao ampliar as desigualdades, os problemas e os desafios sociais brasileiros, a pandemia evidenciou ainda mais um país permeado por fragilidades, contradições e emergências, especialmente no âmbito educacional, quando são expostas questões ligadas à realidade da escola pública, dentre as quais os perfis sociais dos estudantes, a formação docente e a natureza das políticas e dos projetos educacionais.

Em síntese, a pandemia deu maior visibilidade à realidade brasileira como ainda não ocorrera no pós-Segunda Guerra Mundial: um país altamente desigual, com graves problemas a serem equacionados, como a erradicação do analfabetismo e/ou a elevação do nível de escolaridade da população brasileira, a melhoria no processo formativo do professor da Educação Básica, a diminuição da pobreza, dentre outros problemas em diferentes aspectos e contextos.

Diante da “radiografia” acerca da situação do país, elencada pelos autores, também podemos compreender a ausência do aluno no ensino remoto e o quadro de evasão escolar, já demonstrado por meio desta pesquisa.

Quanto ao pós-pandemia, os autores apontam para um grande desafio posto aos sistemas educacionais (de ensino), qual seja:

(...) o de reparar as perdas acarretadas pelo ensino remoto. O trabalho desenvolvido deverá, cuidadosamente, voltar-se à eliminação das desigualdades, oportunizando aos alunos, sobretudo aos que foram excluídos no contexto de pandemia, aprendizagens voltadas ao desenvolvimento intelectual, humano e do pensamento crítico, e à formação para a cidadania. É imprescindível também que os sistemas de ensino encarem e investiguem novas formas de empreender o processo

pedagógico, tendo as TICs²⁴ como mediadoras desse processo. Junta-se a isso a necessidade de incrementar a formação docente nos parâmetros dessas inovações, que se dão numa velocidade superior às inovações no âmbito educacional, além de investir em infraestrutura, preparando os espaços escolares para operarem com essas tecnologias e variedades de recursos (SILVA; SILVA; CUNHA, 2020, p. 36).

Nesse aspecto, o ensino médio público brasileiro, que já passa por uma reforma com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)²⁵, traz para a escola a responsabilidade de sanar, ao menos em parte, os problemas acarretados pela pandemia à educação brasileira. Certamente, desafios já existentes irão se intensificar nos novos rumos tomados pelo ensino público, a partir da reforma do ensino médio de 2016/2017.

O projeto de intervenção pedagógica *Olhar Sociológico* nos deu a oportunidade de dialogar com adolescentes, jovens do ensino médio da escola pública, no convite à desnaturalização e ao estranhamento dos fenômenos sociais para o desenvolvimento da imaginação sociológica dos estudantes, tendo abordado o fenômeno da evasão escolar durante a pandemia, no ano de 2020, relacionado com o tema das desigualdades sociais na sociedade brasileira.

Mesmo realizando a intervenção numa situação limitada, percebi uma positividade ao abordar um tema bastante relevante do campo educacional e ao mesmo tempo tão próximo da vida dos jovens estudantes do ensino médio, o qual envolve seus próprios colegas, alunos e ex-alunos da escola-campo. Os alunos sentiram-se à vontade para relatar sérias dificuldades enfrentadas por suas famílias na atualidade, acenando para a necessidade premente de um debate sistemático, mediado pela pesquisa científica, para que seus problemas pessoais sejam traduzidos em questões coletivas e públicas, de modo a desvendar as circunstâncias sociais de suas próprias vidas na dinâmica da imaginação sociológica.

²⁴ As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) referem-se aos dispositivos eletrônicos e tecnológicos que resultam da associação entre informática e telecomunicação (PONTE, 2000), ou “da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas” (BELLONI, 2001, p. 21). No entanto, como elas abrangem tecnologias mais antigas, estudiosos têm utilizado o termo Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) ou Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para referir-se às tecnologias digitais ou aos dispositivos tecnológicos que permitem o acesso à internet (COSTA; DUQUEVIZ; PEDROZA, 2015).

²⁵ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br>. Acesso em: 2 jun. 2021.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta escolar em busca de reconhecimento perpassa muitos níveis dialógicos dentro do processo hierárquico que a constitui. No âmbito da educação pública, a evasão é um fenômeno presente, doloroso e permanente à medida que as desigualdades de várias ordens avançam no país.

Ressignificar o papel da escola na contemporaneidade é também transformá-la em um espaço político e de reflexão. Por trás de um cenário bastante complexo, onde inúmeros problemas se manifestam, especialmente na escola pública, é dever de todos seus agentes formadores enfrentar os desafios em busca de alternativas para sairmos das situações-problema que perpetuam desigualdades e violências sociais. É necessário se aproximar das linguagens multiculturais dos jovens das periferias, compreender as visões de mundo por eles construídas dentro do processo de socialização, investigar a influência desse processo no momento da evasão escolar. Segundo Enguita (1990 *apud* JESUS; DAYRELL, 2016, p. 409), é o nível do grupo social – em que os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade – que produz uma cultura própria. É onde os jovens percebem as relações em que estão imersos e se apropriam dos significados que se lhes oferecem e os reelaboram, sob a limitação das condições dadas, formando, assim, sua consciência individual e coletiva.

Fatores propiciadores do fenômeno da evasão escolar, manifestados num contexto anterior à pandemia, levam-nos às justificativas utilizadas por jovens e adolescentes quando decidem não mais frequentar os bancos escolares. Entre eles, podemos citar o fator aprendizagem. Muitos alunos chegam ao ensino médio semialfabetizados, ou seja, pouco escrevem ou leem. Assim, quando se deparam com os conteúdos do ensino médio, não conseguem acompanhar ou assimilar tais conteúdos e acabam optando por deixar de estudar. Dentro dessa perspectiva, o quadro se agrava quando as famílias também não têm instrução adequada para a superação do problema; essa é uma realidade bastante presente no ensino médio regular: a falta de algum tipo de acompanhamento familiar, em relação à execução das tarefas escolares, implica na não aprendizagem desse educando, levando-o ao chamado “fracasso escolar”.

Consequentemente, na realidade atual, esse quadro tem se agravado com o distanciamento escolar, sem as orientações e explicações dos professores, na medida em que o/a aluno/a opta pelo material impresso ao invés de acompanhar as aulas remotas. Vale salientar que as políticas educacionais geram esse fenômeno, pois um aluno semialfabetizado não tem as condições adequadas para cursar o ensino médio. As deficiências na aprendizagem não são resolvidas na sala de aula, a prática de aprovar o aluno para trabalhar as dificuldades durante o ano letivo muitas vezes não funciona, e a situação se torna cada vez mais complexa no contexto pandêmico, pois num tipo simbólico de evasão, por não estarem presentes nas aulas on-line, a maioria dos estudantes está fora do ensino remoto, excluída de uma possibilidade alternativa/emergencial de ensino, embora limitada.

Um outro fator é a reprovação cumulativa, a qual está intimamente relacionada com o processo de ensino-aprendizagem e aliada a outras causas, como o desinteresse do aluno, infrequência, mal comportamento, indisciplina etc., constituindo-se em um fator gerador de evasão.

É necessário ter a percepção do estudante como agente ativo do seu processo de formação, ainda que ele não tenha a suficiente maturidade para compreendê-lo, resultando mais tarde em arrependimento por não ter feito uma boa formação escolar.

A reprovação tem como consequência o desgaste de todos os envolvidos no processo educacional, especialmente o aluno, que, diante dos sucessivos fracassos, durante o seu período estudantil, vai aos poucos evadindo. Atualmente, as escolas têm tentado reduzir seus índices de reprovação, tendo o entendimento de que, ao reprovar o aluno, só agravará sua situação, aumentando seu grau de vulnerabilidade e incertezas diante da vida. Paradoxalmente, o resultado dessa ação é o aluno terminar o ensino médio com sérias deficiências de escolarização, menos preparado para o mercado de trabalho e sem perspectiva de solucionar as deficiências escolares que carrega consigo. Um movimento contraditório, em que se aposta todas as cartas para barrar o desinteresse total do educando em relação aos estudos, funciona como um estímulo para a não desistência, mesmo acarretando sérios problemas futuros, como o ingresso nos bancos universitários, falta de empregabilidade e exclusão social.

A gravidez na adolescência também é uma causa recorrente da evasão escolar. Meninas na faixa etária entre 14 e 16 anos interrompem os estudos para

cuidar de seus filhos, quando não recebem ajuda da família ou devido à fase de amamentação. Geralmente, não retomam mais os estudos ou perdem anos de escolarização, tal problema existe porque passam a trabalhar para ajudar a sustentar o filho ou são encorajadas pelos seus companheiros a abandonar a escola, o que aponta, também, para uma questão de gênero. Uma gravidez precoce tem um impacto enorme na vida dessas adolescentes e de suas famílias, e, na maioria dos casos, torna-se um problema social grave, por se tratar de meninas que vêm de lares carentes. A educação sexual, que deveria ser repassada nas escolas, cotidianamente, resume-se a palestras esporádicas sobre a prevenção da gravidez e DST. As famílias, muitas vezes, não dialogam sobre sexo ou sexualidade, responsabilidade essa que, muitas vezes, é exclusiva da escola, a qual precisa estar aberta e preparada à conscientização dos jovens em relação a esse aspecto, dentre outros.

O trabalho é outro fator de evasão e pode começar na adolescência com os chamados “bicos”. Muitos jovens das camadas populares, por uma questão de sobrevivência, para ajudar a família e ter mais autonomia, optam por conciliar estudo e trabalho. De acordo com o pensamento de Jesus e Dayrell (2016), a relação escola-trabalho não é simples, pois geralmente se configura em projetos que se superpõem ou que sofrem ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. É elevada a porcentagem de jovens que buscam conciliar escola e trabalho, mas também é considerável o percentual dos que não conseguem articular tais dimensões.

A importância de se elencar alguns desses fatores está no seu relacionamento intrínseco com as desigualdades sociais, além da manifestação de novas configurações do fenômeno da evasão escolar na pandemia. Nesse hiato, no qual a escola deixa temporariamente de “existir”, torna-se mais difícil o acompanhamento da vida escolar do/a aluno/a, assim como se torna mais difícil ajudá-lo/a a enfrentar os problemas do cotidiano com diálogos, orientações e conversas motivadoras, partindo de uma interação presencial e particular. Contudo, se já era perceptível uma falta de interesse de muitos jovens em relação à escola e ao ato de estudar, ficou nítido que não seriam aulas por meio de um celular que mudariam uma situação já vivenciada pelos agentes escolares.

Evidentemente, na pandemia, os problemas se intensificaram, gerando outras situações adversas, já elencadas nesta dissertação. Nesse sentido, segundo

Jesus e Dayrell (2016), parece evidente que, além dos alunos, os professores também enfrentam o problema da motivação para o trabalho escolar, o que nos remete a uma condição docente precarizada, que interfere diretamente no investimento e envolvimento que o professor faz no seu cotidiano.

Em meio aos problemas sociais apontados entre sistema de ensino, escola e família, evidencia-se também um jogo de acusações recíprocas em que professores e alunos se culpam mutuamente, gerando um círculo vicioso do qual é o/a jovem aluno/a que tende a sair mais prejudicado/a. No contexto pandêmico, essa condição precarizada afeta contundentemente aluno/a e professor/a, as relações mudam com o ensino remoto e as desigualdades socioeconômicas capitaneiam o processo de exclusão de jovens e adolescentes da escola pública, aliadas à forte tendência da desistência do aluno em continuar a estudar efetivamente. Para Jesus e Dayrell (2016):

É importante frisar ainda que as desigualdades a que esses jovens estão submetidos não se restringem ao tipo de herança educacional e material recebida. Não se expressam apenas no tipo de escolas frequentadas pela grande maioria deles, escolhidas, ainda que indiretamente, em função das heranças já referidas. As formas pouco reconhecidas de desigualdade a que esses jovens estão submetidos se expressam também nos altos índices de gravidez juvenil que provoca, em maior grau, a evasão das jovens mães e, em menor, a evasão dos jovens pais. Tal desigualdade se revela também nas reiteradas situações de discriminação racial, de homofobia e sexismo que acontecem cotidianamente nessas escolas e que, direta e indiretamente, reforçam os estigmas já existentes em razão de suas condições sociais (JESUS; DAYRELL, 2016, p. 418).

Ao analisar as falas e os pontos de vista de alunas e alunos em situação de evasão, percebi, além do perfil socioeconômico das famílias, a falta de empatia e interesse em acompanhar as aulas on-line, uma experiência nova, mas que não atraiu os estudantes em massa, não somente na EEM Dr. João Ribeiro Ramos, como também em outras escolas de Sobral, especialmente às localizadas em áreas rurais, o que pude perceber com a observação flutuante (GOLDMAN, 1995) realizada.

A elaboração deste trabalho, ao mesmo tempo de pesquisa e de intervenção pedagógica sobre a evasão escolar em contexto pandêmico, me fez refletir sobre o papel da *Sociologia escolar*, na tentativa de compreender de que modo ela pode afetar e contribuir com a formação do estudante do ensino médio, mesmo no controverso ensino remoto emergencial. Vale destacar a formação e o trabalho da professora-pesquisadora como algo fundamental na construção desse

processo dentro da escola, de atribuir importância à disciplina de Sociologia na produção de saberes, percepção das realidades circundantes e criticidade em relação aos fenômenos sociais dos quais os próprios estudantes são os atores sociais e os agentes da imaginação sociológica, a partir da relação entre a órbita individual e a órbita social, entre a sua biografia e a história de sua sociedade.

REFERÊNCIAS

- APPLE, M, W. **A educação pode mudar a sociedade?** Tradução de Lilian Loman. Petrópolis: Vozes, 2017.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos/INL, 1976.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. D. L. (org.). **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2011. 188p.
- BUSCA ATIVA ESCOLAR EM CRISES EMERGENCIAIS. (s/d). [S. l.]: UNDIME; CONGEMAS; CONASEMS; UNICEF. Disponível em: <https://buscaativaescolar.org.br/criseseemergencias/>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF: MEC, 1996.
- BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais: ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BRASIL. **Decreto n. 6.425, de 4 de abril de 2008**. Dispõe sobre o censo anual da educação. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6425.htm. Acesso em: 11 jun. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 11 jun. 2020.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CEARÁ. Decreto nº 11493, de 17 de outubro de 1975. **Diário Oficial do Estado**. Fortaleza: SEDUC, 1975.

CETIC. **Pesquisa TIC Educação**. São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf?1730332266=&utm_source=conteudo-nota&utm_medium=hiperlink-download. Acesso em: 19 jul. 2020.

CETIC. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios**. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://data.cetic.br/cetic/explore>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022016420100400>. Acesso em: 24 out. 2020.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105- 1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 24 out. 2020.

DELEUZE, G. **Pourparlers**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 545-554, set. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300545&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 fev. 2021.

DIGIÁCOMO, Murillo José. **Evasão escolar**: não basta comunicar e as mãos lavar. Curitiba: MPPR, 2005. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-825.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

DINIZ, Carine Saraiva. **Evasão escolar no ensino médio**: causas intraescolares na visão dos alunos. 2015. 147f. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local) – Centro Universitário UNA, 2015.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FELIX, Fabíola Angarten. **Juventude e estilo de vida**: cultura de consumo, lazer e mídia. 2003. 99f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2003.

FERNANDES, F. O ensino de sociologia na escola secundária brasileira. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 1., 1954, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBS, 1954. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1693&Itemid=170. Acesso em: 24 out. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996. 22p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GOLDMAN, M. **Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões**. Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc2700.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo escolar da educação básica**. Brasília, DF: INEP, 1998. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>. Acesso em: 22 out. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Microdados da Prova Brasil**: Questionário dos Professores. Brasília, 2017.

JESUS, Rodrigo Ednilson; DAYRELL, Juarez Tarcisio. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação Sociedade**, [S. l.], v. 37, n. 135, p. 407-423, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016151533>. Acesso em: 24 out. 2020.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 37, e200067, 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas: Navegando, 2011.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) (1998). **Pierre Bourdieu**. Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes.

OZELLA, Sérgio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery Sílvia; KOLLER, Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos (org.). **Adolescência e psicologia**: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

PASSERON, Jean-Claude; CHAMBOREDON, Jean-Claude; BOURDIEU, Pierre. **A profissão de sociólogo**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

PAULILO, André Luiz. **A compreensão histórica do fracasso escolar no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, [S. l.], v. 47, n. 166, p. 1252-1267, out./dez. 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório Anual**. [S. l.]: PNUD, 2012. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=3742>. Acesso em: 3 jun. 2020.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO da escola Dr. João Ribeiro Ramos. Sobral: Escola JRR, 2020. 10p.

QUEIROZ, L. D. Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 25., 2004, Mato Grosso. **Anais [...]**. Mato Grosso: ANPED/UFMT, 2004. Disponível em: <http://www.25reuniao.anped.org.br/lucileide Domingosqueirozt13.rtf>. Acesso em: 24 out. 2020.

RIFFEL, S. M.; MALACARNE, V. **Evasão escolar no ensino médio**: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina – PR. [S. l.]: Dia a dia Educação, 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1996-8.pdf>. Acesso em: 24 out. 2020.

ROLIM, Marcos. **A formação de jovens violentos**: para uma etiologia da Disposicionalidade violenta. 2014. 246f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Porto Alegre, 2014.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. S. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

SILVA FILHO R. B.; LIMA ARAÚJO, R. M. L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação por Escrito**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2017.

SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da; CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SPOSITO, M. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, [S. l.], n. 57, p. 210-226, 30 maio 2003.

TINEU, Rogerio. Ensaio sobre a teoria das classes sociais em Marx, Weber e Bourdieu. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo. v.10, n. 29, p. 89-

107, jun./set. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/33734-Texto%20do%20artigo-95580-1-10-20171020.pdf. Acesso em: 13 jan. 2022.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: NUNES, E. de O. (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

WELLER, Wivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 135-154.

**APÊNDICE A – TÓPICO-GUIA: EVASÃO ESCOLAR DURANTE O CONTEXTO
PANDÊMICO – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS ALUNOS EM SITUAÇÃO
DE EVASÃO**

BLOCO TEMÁTICO	PERGUNTA	OBJETIVO
Dificuldades	Quais dificuldades que você enfrentou durante a pandemia?	* Compreender os elementos objetivos do contexto socioeconômico e cultural do(a) entrevistado(a); *Perceber o ponto de vista do entrevistado(a) diante das dificuldades vivenciadas no contexto pandêmico.
Processos escolares	Por quais motivos você não continuou suas atividades escolares durante a pandemia?	*Perceber os impactos do fechamento da escola na vida do(a) entrevistado(a);
Renda familiar	Qual a renda familiar da sua casa?	* Identificar a classe socioeconômica do(a) entrevistado(a).
Recursos tecnológicos	Você possui equipamentos para acompanhar as aulas remotas? Quais?	* Perceber o acesso aos recursos tecnológicos do(a) entrevistado(a).
Internet	Você possui internet em casa para a realização das atividades remotas da escola?	* Identificar o acesso à internet nas residências dos(as) entrevistados(as).
Auxílio emergencial	Você ou alguém de sua família recebeu auxílio do governo durante a pandemia? Se sim, qual ou quais? Em que o auxílio do governo lhe ajudou?	*Identificar se a família do(a) entrevistado(a) recebeu auxílio financeiro dos governos federal, estadual e municipal no contexto pandêmico.
Trabalho	Você está trabalhando? Se sim, em que e onde?	*Perceber se as causas da evasão têm relação com o trabalho, no contexto pandêmico.
Ensino remoto	Você pretende retomar às aulas em 2021, mesmo com o ensino remoto?	* Observar e perceber se o(a) entrevistado(a) tem interesse em retornar à escola; *Perceber a opinião sobre o ensino remoto.
Escola	O que a escola representa para você?	*Analisar o ponto de vista do(a) entrevistado(a) em relação à importância da escola e do conhecimento.

APÊNDICE B – PROJETO OLHAR SOCIOLÓGICO: SLIDES DE APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

A disciplina de sociologia da EEM Dr. João Ribeiro Ramos apresenta:

TEMA:

DIÁLOGOS SOBRE A EVASÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19: desigualdades sociais e o ensino remoto



Aprendendo a pensar sociologicamente



Prof.ª Mônica Leal
Ciências Sociais



Google Meet

EM: 26/04/2021 (Segunda-feira), às 15:15h.
Link disponibilizado no dia do evento.

O "olhar sociológico" se afasta do que está acostumado a ver todos os dias, para "ver de longe", adquirindo uma visão ampla e percebendo o que antes não via, mas que já estava lá!

VOCÊS JÁ OUVIRAM A EXPRESSÃO:
PENSAR FORA DA CAIXA?



O OLHAR SOCIOLÓGICO

- Aprender a pensar sociologicamente significa cultivar a imaginação.

IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

- Um sociólogo é alguém capaz de se libertar do quadro das suas circunstâncias pessoais e pensar as coisas num contexto mais abrangente (VER DIFERENTE DE FORMA ABRANGENTE),

ESTRATIFICAÇÃO E DESIGUALDADES SOCIAIS

Para estudar as desigualdades sociais, é importante saber de três elementos centrais: **a estrutura, a estratificação e a mobilidade social.**

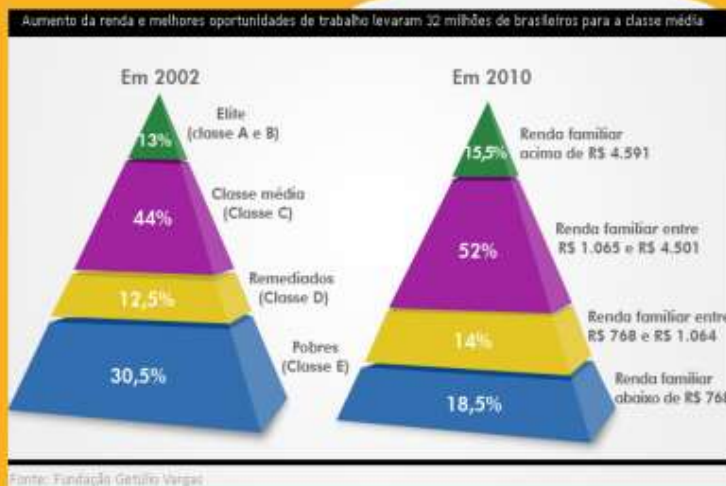
- **A estrutura social** é determinada pelo modo como se organizam os aspectos económico, cultural, social, político e histórico de uma sociedade. (p.235)
- **A estratificação social** é o modo como cada sociedade está dividida, trata-se das camadas sociais que se sobrepõem umas às outras. (.236)

hierarquia social são os níveis e posições de cada indivíduo dentro de uma sociedade. a hierarquia social faz com que as pessoas sejam divididas em grupos, de acordo com uma estrutura, entre as classes mais ricas, a classe média e as classes mais baixas.

- **MOBILIDADE SOCIAL**, REPRESENTA A POSSIBILIDADE DE UM INDIVÍDUO MUDAR DE POSIÇÃO NA HIERARQUIA SOCIAL. PODE SER CARACTERIZADA PELA ASCENSÃO SOCIAL OU DECLÍNIO. (P.236)

Desigualdades sociais: de uma maneira geral, refere-se à privação de direitos ou de acesso a recursos para uma pessoa ou um grupo, o que cria distinções entre os indivíduos. (p.235)

SOCIEDADE DE CLASSES



As classes sociais podem ser entendidas como agrupamentos de pessoas que surgem em razão das desigualdades sociais. (p.238)



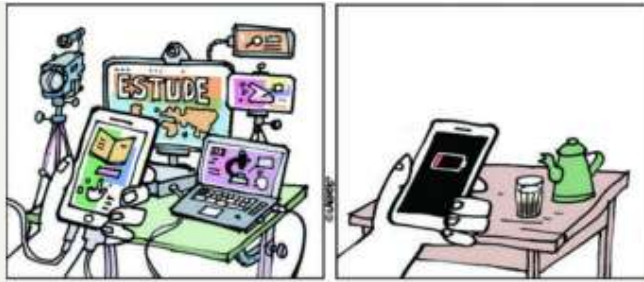
Por evasão, compreende-se o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade. A diferença entre evasão e abandono escolar foi utilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep (1998). Nesse caso, "abandono" significa a situação em que o aluno desliga-se da escola, mas retorna no ano seguinte, enquanto na "evasão" o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar.

De acordo com o relatório de desenvolvimento, divulgado em 2012, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil apresenta a terceira maior taxa de evasão escolar entre 100 países que possuem o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A taxa de abandono escolar atingiu 24,3%. E o índice se torna ainda mais preocupante se comparado com países vizinhos, como Chile (2,6% de evasão), Argentina (6,2%) e Uruguai (4,8%). Na América Latina, só a Guatemala (35,2%) e a Nicarágua (51,6%) têm taxas de evasão superiores. Ainda segundo esse órgão, no ano de 2011, 23,6% dos jovens entre 15 e 17 anos não estudavam e 70,2% dos que abandonavam os estudos o faziam antes de chegar ao Ensino Médio. Nesse caso, percebemos a evasão escolar como um fenômeno complexo, multicausal e mundializado.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha, a taxa de abandono em 2020 foi maior entre os estudantes de curso superior: 16,3% dos universitários pararam de estudar no ano passado. No Ensino Médio, a taxa é de 10,8% e no Ensino Fundamental, de 4,6%. Estudantes de classes sociais mais baixas também lideraram os índices de abandono. A taxa foi 54% maior entre os alunos das classes D e E (10,6%), na comparação com estudantes das classes A e B (6,9%). Problemas financeiros estão entre os principais motivos do abandono escolar em 2020. Entre os que apontaram essa dificuldade para manter os estudos no ano passado, 19% ficaram sem condições de pagar a escola ou faculdade e 7% precisaram ajudar na renda familiar. Outros 22% justificaram o abandono por terem ficado sem aula e 20% relataram dificuldade com o ensino remoto. Fator este que afeta, significativamente, a economia do país e compromete a qualidade de vida de jovens e adolescentes em situação de risco.

Dentro do contexto pandêmico, não podemos esquecer que saúde física e saúde mental andam juntas. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa, torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola, e a falta de merenda para os alunos menos privilegiados são fatores de estresse que atingem a saúde mental de boa parte dos estudantes da Educação Básica e das suas famílias. Agora, importa prevenir e reduzir os níveis elevados de ansiedade, de depressão e de estresse que o confinamento provoca nos estudantes em quarentena (MAIA, DIAS, 2020).

As escolas do Estado do Ceará aderiram à Busca Ativa Escolar, à distribuição de material impresso dos conteúdos estudados durante o ano letivo de 2020, para os alunos que não acompanharam o ensino remoto emergencial, além da distribuição de cestas básicas para as famílias dos matriculados e um auxílio de R\$ 80,00, dividido em duas parcelas, para cada estudante, iniciativas do governo estadual para amenizar a situação dos alunos da rede pública. Essas ações contribuíram para que a EEM Dr. João Ribeiro Ramos atingisse quase 100% de aprovação, garantindo um baixo índice de abandono e evasão. Segundo a Ata de Resultados Finais de 2020, num total de 456 alunos do ensino regular (manhã e tarde), apenas 17 alunos estão em situação de abandono. A escola conta com uma taxa de 3,73% de evasão no ano de 2020.



Ensino remoto pode continuar até o fim de 2021



- Remota é a possibilidade de eu aprender alguma coisa assim..

Conforme dados da pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - CETIC (2019a), atuando sob os auspícios da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, com o objetivo de cooperar com países da América Latina e Lusófonos na África para a construção de sociedades do conhecimento inclusivas; no Brasil 29% dos domicílios, aproximadamente 19,7 milhões de residências, não possuem internet. Desse montante de desconectados, 59% alegaram não a contratar porque consideram muito caro esse serviço, outros 25% porque não dispõem de internet em suas localidades. Destaca-se, ainda, que 41% dos entrevistados alegaram não possuir computador para tal e 49% que não sabiam usar a internet. Desse modo, os estudantes inclusos nestas estatísticas estão fora da estratégia do ensino remoto mediado pelas tecnologias digitais.

Outros dados desta pesquisa também devem ser considerados, como por exemplo o de que apenas 37% dos domicílios possuem internet e computador. A ausência deste equipamento pode se tornar um empecilho para o desempenho do aluno, embora pode não ser para a conexão que é realizada, sobretudo, por celular. O computador realiza um conjunto de aplicações que podem não ser compatíveis ou facilitadas quando feitas nos smartphones. Em que pese a maior adaptabilidade dos alunos às novas tecnologias, isso só ocorre se elas estiverem disponíveis. Sendo assim, os alunos que não dispõem de aparelhos celulares que operem com eficiência os navegadores, aplicativos e plataformas utilizadas para o ensino remoto, não conseguirão acompanhar a contento. Igual dificuldade podem ter as famílias que não possuam aparelhos suficientes para a conexão de todos que precisem. Há ainda uma parte significativa dos usuários que o acesso à internet se dá por meio do compartilhamento com domicílios vizinhos. Situação que determina uma fragilidade na condição de incluído digital, preso à iminência constante de ser excluído.



ENTREVISTAS COM OS ALUNOS EM SITUAÇÃO DE EVSÃO OU ABANDONO

A primeira entrevista foi com Antônio (nome fictício), de 16 anos, morador do bairro Dom José II. O adolescente é criado pela avó, a família é composta de cinco pessoas, moram numa casa muito simples, e para atravessar a pandemia, receberam o auxílio emergencial em 2020 e já recebiam o bolsa família que foi incorporado ao auxílio.

Quando cheguei em sua residência, no dia 26 de fevereiro do ano corrente, às 15:00, Antônio jogava bola no campo, percebi que não estava muito interessado em dialogar, mas resolveu me conceder a entrevista. Perguntei sobre as dificuldades enfrentadas na pandemia, com um discurso desinteressado, apenas respondeu que não havia achado bom a situação. Em relação ao não acompanhamento das aulas on-line, a irmã respondeu que ele estava com medo das facções, e Antônio completou dizendo que alguém já havia morrido, perguntado se ele tinha algum envolvimento, respondeu que não, mas não confiava, questionei sobre as aulas serem on-line, o aluno retrucou dizendo que passou um tempo sem celular, a casa não tem acesso à internet, eles usam a rede do vizinho. Antônio não está trabalhando e não quer mais voltar a estudar na EEM Dr. João Ribeiro Ramos, segundo ele por causa da violência das facções. O discurso do adolescente em relação a esse fato demonstrava preocupação e medo. A avó me informou que ele tem amigos envolvidos e está com medo de ser atingido. Antônio não soube responder quando perguntado sobre a importância da escola em sua vida. Através da sua fala, um pouco tímida, dificilmente o aluno retornará à escola em 2021. Seu afastamento se deve à violência manifestada no bairro, Antônio pode ser um "aluno marcado", e sua presença nas aulas on-line pode lhe causar sérias complicações, pois membros das facções rivais delimitam seus territórios, e atuam dentro das escolas.

A segunda entrevista também aconteceu no dia 26 de fevereiro de 2021, no bairro Dom José II. Ana (nome fictício), de 17 anos, concedeu a entrevista com muita clareza e apontou a dificuldade de locomoção como um dos maiores obstáculos que sua família enfrentou na pandemia, porque inviabilizou o trabalho de sua avó e tia, ambas trabalham como empregadas domésticas, segundo a adolescente. A família também recebeu o auxílio emergencial do governo federal. Ana não conseguiu terminar o ano letivo em 2020, pois em agosto o celular danificou, sem condições de adquirir outro aparelho e sem computador, foi procurada pela coordenação da escola para retomar suas aulas, onde relatou a sua situação. Em sua residência tem acesso à internet (Wi-Fi), mas Ana está impossibilitada de acompanhar as aulas on-line por falta de recursos materiais e financeiros. A mãe foi embora para Fortaleza e prometeu à Ana um novo celular no início de 2021, a jovem está aguardando para retornar às aulas, porque quer muito terminar o ensino médio. A adolescente ressalta:

Assim como Ana, 76% dos alunos da EEM Dr. João Ribeiro Ramos, não acompanharam as aulas on-line, muitos alegaram a falta de recursos materiais como celular, computador e internet, além daqueles que tiveram condições de acesso, mas optaram pelas apostilas, segundo relatos da coordenação da escola.

"Se já é difícil pra quem tem estudo, imagina pra quem não tem. A escola é um meio de ajuda para transformar o futuro da pessoa, que é a partir dela que a gente vai se esforçar para que no futuro a gente seja algo que a sociedade não, porque hoje em dia quem não tem trabalho são chamados de vagabundo que não querem nada na vida, né. Aí eu acho assim que a escola ajuda muito em relação a gente ter um futuro mais lá na frente.."

No dia 03 de março de 2021, às 15:40h, no bairro Dom José II, fiz a quarta entrevista com a aluna Maria (nome fictício), de 17 anos, que estava cursando o 3º ano do ensino médio em 2020, e optou por não acompanhar as aulas on-line. De acordo com Maria, a maior dificuldade encontrada por sua família foi o trabalho, pois seu pai é autônomo, trabalha descarregando cimento, e na pandemia a atividade havia paralisado. Maria está casada e morando com o esposo (20 anos) no residencial Caiçara, mas concedeu a entrevista na casa de seu pai adotivo. Assim, como Paula, a aluna também sentiu dificuldades de aprendizagem no ensino remoto e prefere à aula presencial. Segundo ela, o celular distrai no momento da aula, e o aluno acaba por não compreender o que o professor está dizendo. Maria completa:

"Não tive paciência e acabei desistindo. Presencial é mil vezes melhor, porque você está ali interagindo, você pode fazer pergunta na hora, não tem travamento e nem vergonha de falar ou de aparecer. Virtual é bem mais complicado, é bom presencial, porque está ali presente, interagindo com todo mundo."

Não foi por falta de recursos materiais que a aluna desistiu, mas sim, pela não adequação ao ensino remoto, a aluna não se adaptou ao formato.

"A escola representa muita coisa na minha vida, que ali foi um abrigo pra mim, para descobrir novas coisas, como é o mercado de verdade, ensinou várias outras coisas, as histórias passadas, algo que eu nem sabia, multiplicações, divisões. Por mim eu continuava a estudar, a escola me fez evoluir cada vez mais, com ela eu aprendi a leitura, eu aprendi várias outras coisas, e ela é muito importante e ainda continua sendo importante pra minha vida. Porque tem novas descobertas que eu ainda nem sei e tá lá pra estudar. A escola sempre está aberta, independente da idade da pessoa, nunca é tarde para aprender as coisas. Ainda continuo querendo buscar o aprendizado, porque sou muito nova, tenho muita coisa pra receber de ensinamento, e eu pretendo dar isso também as minhas novas gerações no futuro, como os meus filhos, tudo que eu aprendi eu vou mostrar pra eles. É isso."

Para Freire, 2004 *apud* Silva; Silva; Cunha, 2020, p.33), a educação é um processo que pressupõe o encontro. Não existe docência sem discência, o ensino se realiza com vistas à aprendizagem, pois ensinar não é um ofício solitário, mas uma ação que se constrói conjuntamente entre os sujeitos participantes desse processo, sobretudo pela troca socializadora que o encontro propicia. Lamentavelmente, o ensino remoto ou esse arranjo contingencial (o possível neste período de transição entre o normal e novo normal) pode não dar conta desse encontro e dessa aprendizagem anunciados por Freire (2004) e esperado pelo CNE, além de relegar a aprendizagem para segundo plano.

Os impactos do Brasil pós-pandemia, afetará consequentemente a vida escolar, seu cotidiano, as visões de mundo de adolescentes e jovens perante a dificuldades impostas pelo sistema.

<http://compreendendoasociologia.blogspot.com/>



APÊNDICE C – ATIVIDADE PROPOSTA NO PROJETO

Trabalhando a imaginação sociológica



Em: 03/05/2021

- A partir das discussões e dos questionamentos sobre o tema da evasão escolar em contexto pandêmico, responda:

01 – Relate sobre sua experiência de vida no contexto atual e no ensino remoto. (10 linhas)

02 – Faça um comentário sobre o relacionamento das desigualdades sociais com a evasão escolar no momento atual. (10 linhas)

03 – Qual a sua opinião sobre o aprendizado no ensino remoto? (10 linhas)

04 – Com a sua criatividade, desenhe uma charge ou crie um meme, sobre o tema do projeto.

Obs.: Ao final da aula, postar o trabalho na ferramenta *Google Classroom*.